This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY
OXFORD
VOLTAIRE ROOM

Theodore Besterman gift

~~V3 B7 P1506~~

Vet Fr III A 1274

Not listed in Besterman 1970

SVEC 76

First Portuguese translation.

cf. Voltaire et la culture portugaise (Paris: Centre Culturel Portugais, 1969), p. 93

BRUTO.

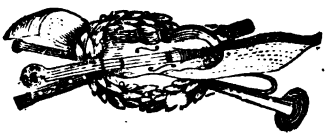
TRAGEDIA DE M. DE VOLTAIRE,

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES,

POR * * *

Naõ fazem damno as Musas aos Doutores,
Antes ajuda às suas letras daõ;
E com ellas merecem mais louvores,
Que em tudo cabem, para tudo saõ

Ferreira, L. II. Epistol 2.



CALCUTA:

IMPRESSA POR A. THOMSON, NO. 17, RADHA-BAZAR.

1806.

ACTORES.

BRUTO, e Valerio, Consules, de Roma,
TITO, Filho de Bruto,
ARONTE, Embaixador de Roma,
ALBINO, seu Confidente,
MESSALA, Cidadaõ Romano,
PROCULO, Tribuno Militar,
TULLIA, Filha de Tarquinio,
ALGINA, sua Confidente,
SENADORES,
HUM ESCRAVO,
LICTORES.

A SCENA HE EM ROMA.

O Theatro representa huma parte das casas dos Consules, sobre o monte Tarpeio; o Templo do Capitolio se vê no fundo; os Senadores estaõ sentados em semicirculo, entre a casa, e o Templo, diante do Altar de Marte: os Lictores de pé, e com as fasces: Bruto, e Valerio presidem à Assemblea.

ACTO I.

SCENA I.

BRUTO, VALERIO, E O SENADO ROMANO.

BRUTO.

SENADORES, que haveis exterminado,
D' entre nós os Tyrannos; que naõ tendes,
Mais do que nossas leis, vossas virtudes,
De Numa as Divindades por Monarchas;
Nosso inimigo em fim ja principia
Aconhecer quem somos. Esse Etrusco,
Que orgulhoso até agora nos fallava,
Sempre com voz de imperio; esse Porsena,
Formidavel apoio de Tarquinio,
Tyranno Protector d' outro tyranno,
Cujas tropas do Tibre as margens cobrem,
Ja sabe respeitar este Senado,
E ja d'hum povo livre o poder teme:

Humilhando ante nós sua soberba,
Por hum Embaixador hoje vos roga,
Que sobre amiga paz queiraes ouvillo:
Aronte, que em seu nome vos envia,
Ao Senado Romano audiencia pede,
E no proximo Templo retirado,
Vossa resposta espera: cumpre agora,
Que decidaes vós outros, se devemos
Ouvir sua embaixada, ou despedillo,

VALERIO.

Sejaó quaesquer que forem seus officios,
Apezar dos partidos vantajosos,
Que nos venha propôr, he necessario
Enviallo ao seu Rey, sem dar-lhe ouvidos.
He este ovoto meu. Roma so trata
Com inimigos rotos. He verdade,
Que Tito, filho teu vingando a Patria,
O Tyranno da Etruria, em dois encontros,
Ja rechaçado tem: quanto se deve.
Ao seu grande valor assaz conheço:
Imitador fiel do teu exemplo,
Os Romanos salvou, poremnaõ basta:
Inda Roma nas proximas campinas
Vê cercada dos tyrannos, que aborrece;
Cumpra Tarquinio as ordens do Senado;
Banido, pelas leis, longe se afaste

Das terras deste Temperio; nao infeste
Com seu culpado aspecto as nossas raias;
Quando nos obedeça poderemos
Prestar às suas supplicas ouvidos.
Este de Embaixador plausivel nome
Vos tem feito impressaõ, Tarquinio astuto,
Naõ podendo vencer, quer enganar-nos.
O Embaixador d' hum Rey sempre m'assusta;
Vejo nelle hum imigo disfarçado,
Com hum titulo honroso, que, ou soberbo,
Vem dentro em nossos muros insultar-nos,
Ou tramar, com ardil, traiçoens impune.
Acautela-te, o Roma, nao escutes
Sua voz seductora: sao te estranhas
De enredadora intriga as subtis artes;
Sabes so combater; e assim sem susto,
Confunde huns inimigos, que indignados
Atua gloria supportar nao podem;
Os Tyrannos castiga, ou cahe por terra;
Eis aqui os tratados, que te restaõ.

BRUTO.

Roma toda bem sabe, até que ponto
Da sua liberdade o amor me abraza;
Temos o mesmo espirito; com tudo,
Do voto, que tens dado, o meu differe,
Eu contemplo, Valerio, esta Embaixada,

Em nome de Soberanos dirigida,
Como aprimeira mostra de homenagem,
Que aos Cidadaõs Romanos se tributa:
Vamos acostumando, desde agora,
O despotico orgulho dos Monarchas,
A tratar, como igual em Magertade,
A Republica nossa; ate que
Hum dia finalmente em que dos Deozes
Cumprindo-se os decretos, Roma os trate,
Como Monarchas naõ, como vassallos.
Aronte, como espia, vem de Roma,
Examinar o estado vacillante;
As bases descobrir, em que se estriba
A recente grandeza, a que se eleva;
O seu genio sondar, sondar lhe as forcas:
He por isto que eu julgo necessario,
Se lhe faculte, logo, franca entrada:
O soberbo inimigo do Senado
Conhecerá quem somos: esse escravo,
D' hum Rey agora, em fim, venha ver homens:
Veja Aronte o seu gosto, observe tudo;
Estenda os olhos seus por toda a Roma;
Achará Roma em vós; vós sois seus muros:
Venha, e respeite o Deos, em cujo nome
Appareça, Congregados estamos:
Diante do Senado; escute, e trema.

Os Senadores se arranjaõ todos da parte de Bruto.

VALERIO.

O Senado o teu voto approva, e segue;
Roma, e Bruto assim manda; e eu constrangido,
Subscrevo a decizaõ. Hide, Lictores,
Parti a conduzillo. Aos Ceos apraza,
Que naõ seja fatal para os Romanos
Apresença, de Aronte.

B R U T O.

Roma inteira.
Em ti so tem agora os olhos fitos:
Tu has sido oprimeiro, que rompeste,
Da nossa escravidaõ os duros ferros;
Toma pois a teu cargo o defenderes
Da nossa liberdade a grande causa,
Como Bruto he seu pay; falle em seu nome.

SCENA II.

Entra Aronte, precedido de Albino, e dos Lictores: corteja os Consules, e Senado, e se assenta em hum lugar, que lhe estará preparado na frente do Theatro,

Aronte, Albino, e os precedentes.

ARONTE.

Consules, e Senado, que doçura,
Sinto ao ver-me n'hum ajuntamento,
Que de inimigos sabios he composto;

Ao ver tantos heroes, que sempre inteiros
Hum so erro atè agora commeteraõ,
De que possaõ sentir nalma remorsos!
Quanto, quanto me he grato neste dia,
Tendo sido no campo testemunha
Do vosso grande esforço, vir com pasmo
Presenciar aqui vossas virtudes;
E poder finalmente ouvir agora,
Pella boca de Bruto, avoz de Roma.
Longe da confusaõ, e do tumulto
Desse barbaro povo, povo indocil,
Aquem une o furor, separa, e guia,
Cego no seu amor, cego em seu odio,
Que ora manda, ora serve, agora ameaça,
Epouco depois treme; que arrogante,
Com soberba, ousadia.

BRUTO.

Aronte, espera;
E sabe que tratar he necessario
Romanos Cidadaõs com mais respeito:
A gloria que o Senado mais estima
He de representar a auctoridade
De justo povo, que insultar te atreves:
Poem de parte entre nós arte, e lisonjas:
Este subtil veneno, que na Corte

De Etruria se prepara, naõ tem inda
Inficionado a Curia dos Romanos,
Podes continuar.

ARONTE.

Sentindo menos
Esse altivo discurso que as desgraças,
Aque o Romano Estado vejo exposto,
Voo, como seu filho, em seu soçorro:
Vós vedes a medonha tempestade,
Que por todos os lados vos rodea:
Cança-se Tito em vaõ por desvialla;
O seu grande valor, seu fiel zelo
So servem de fazer (com magoa o digo)
Mais pomposo, e brilhante o vosso estrago;
Sua mesma victoria está taõ longe
De augmentar vos as forças, que ao contrario
O derramado sangue, de que Tito
Inundou vosso muros, me parece
Minar lhes surdamente os alicerces.
Ah! Naõ mais recuseis a paz precisa.
Se este grande Senado he Pay de Roma,
Dos Reys, que perseguis he Pay Porsena.
Mas vós, que respeitados; e temidos
Sois do nome Romano os vingadores;
Vós, que julgais da sorte dos Monarchas,
Eque sois dos direitos dos humanos
Illustrados interpretes, lembrai-vos

Do sagrado lugar, em que vos vejo,
Eis alli o soberbo Capitolio:
Eis o tremendo altar, onde invocando
Os Deozes immortaes por testemunhas,
Eu vos vi noutro tempo jurar todos,
Inflamados de hum zelo bem diverso,
Ao vosso Rey Tarquinio fé constante.
Que Deozes pois mudárão dos Monarchas
Os sagrados Direitos? ou que forças
Tem podido romper taõ santos laços?
Que temeraria maõ arrancar ousa
Da frente de Tarquinio a Regia Coroa?
Quem, quem ha que podesse desligar-vos
Dos juramentos vossos?

B R U T O.

Elle mesmo.

Naõ te lembres, Aronte, desses laços,
Que seu crime rompeu, das Divindades,
Que impiamente ultrajou; nem dos direitos,
De que elle proprio a si se ha despojado.
Quando por vosso Rey o recebemos,
Iuramos ser fieis, e naõ escravos.
E ja que te recordas de ter visto
O Senado a seus pés aqui prostrado,
Mandando ao Ceo por elle ardentes votos;
Naõ te esqueça tambem; foi aqui mesmo

Diante destas aras, destes Deozes,
Que elle Fez juramento de ser justo.
Taes de Tarquinio, e Roma os laços eraõ.
Logo que elle quebranta o juramento,
Do nosso nos absolve, e na mesma hora,
Em que ousa ser traidor ás leis de Roma,
Roma deixa de ser subdita sua;
E Tarquinio somente he que he rebelde.

ARONTE.

Inda quando, 'O Senado, fora certo,
Que Tarquinio excedesse as justas raias,
Do Supremo poder, e que o brilhante,
Esplendor do Diadema o deslumbrasse;
Qual de vós, me dizei, jamais tem visto
Monarcha sem fraqueza, homem sem erro,
Quem vos deu o poder de castigallo,
Avós, que sois seus subditos, nascidos,
Para cumprir fieis os seus Decretos?
Jamais castiga hum filho a hum Pay culpado,
Do criminoso aspecto affasta os olhos,
Triste o lamenta, e respeitoso o adora.
Os Direitos dos Reys naõ valem tanto:
Nós somos os seus filhos, e na terra
Julgallos ninguem pode; aos Deozes toca.

Se algumavez colerico, irritado
O Ceo, em vez de hum Rey, cria hum tyranno,
Devemos suportallo, trabalhando
Por merecer do Ceo, que nos naõ mande
Algum dom mais funesto, Ha! naõ vades
Calcar perfidamente as leys mais santas,
'A sombra do pretexto de vingallas;
Nem, em vez de mudar lhe a Forma antiga,
Appresseis a ruina deste Imperio.
Pellas suas disgraças instruido,
Que saõ do mundo todo o melhor mestre,
Aprenderá Tarquinio a ser mais justo,
A ser digno de vós, digno de Roma.
Vós podeis enlacar ditosamente
'C os direitos do Povo os de Monarcha,
E conseguir que em Roma inda floreça
Aliberdade publica, abrigada
Do Monarchico mando, à sacra sombra.

B R U T O.

Naõ, Aronte, he ja tarde: cada Povo
Tem suas proprias Leys, ou derivadas
Da sua natureza, ou que elle muda,
Como milhor lhe apraz. Da Etruria os Povos
Escravos dos seus Reys, e Sacerdotes,

Ter nascido parecem destinados
Para viverem sempre ao jugo prezos;
Adorando felices os seus ferros,
Quereriaõ tambem, que o mundo inteiro
Fosse igualmente escravo: a Grecia toda
Respira em liberdade, e a molle Jonia
Opprimida d'hum jugo aborrecido,
De dia em dia as suas forças perde,
Roma teve Monarchas; he verdade,
Porem despotas naô: Romulo mesmo
Entre os seus Cidadaõs era o primeiro;
Com elles da Suprema auctoridade,
Opezo repartia; e o primeiro Numa,
Auctor das nossas leys foi lhes sugeito,
Roma em fim, naõ o nego, errou o arbitrio,
Quando foi escolher d'entre os Toscanos,
Dentre vós os seus Reys, que nos trouxeraô
Là do fundo da Etruria corrompida
Com os vicios da Corte a tyrannia.

(Levanta-se.)

Perdoai, Grandes Deozes, se os Romanos
Tardáraõ tanto tempo sem ousarem
A condemnar Tarquinio: o puro sangue,
Em que as mãos homicidas tem banhado,

Da nossa escravidaõ os ferros quebra?
Todo o Povo Romano, que gemia,
Debaixo de hum pezado, ferreo sceptro,
A força de disgracas finalmente,
Sua virtude antiga recupera.
Outra vez nos tornou Tarquinio mesmo
Legitimos direitos, que eraõ nossos;
E do barbaro excesso dos seus crimes,
Tem nascido o bem publico de Roma.
Se algum dia os Etruscos se cançarem
Da pezada oppressaõ dos seus tyrannos,
Podem aproveitar o nosso exemplo.
(Os Consules se chegaõ para o altar, e o Senado se Levanta.)
O Marte, Deos d'heroes, e das batalhas,
Deos Protector de Roma, que combates
Sempre em nosso favor, e nos defendes;
Sobre as tremendas aras sacro-sanctas,
Recebe os juramentos, que te fazem
Teus dignos filhos, Senado, e Povo.
Se no seio de Roma, por disgraça,
Algum perfido houver, que com saudade
Se recorde dos Reys, e que dezeje
Tornar segunda vez a ser escravo,
De tormentos cercado o traidor morra;
E a cinza criminosa, solta aos ventos,
Hum nome entre nós deixe mais odioso;

ARONTE.

(Chegando-se ao Altar.)

Eu sobre as mesmas aras profanadas
Juro em nome do Rey, que abandonastes,
Em nome de Porsena, que o protege
A vós, e a vossos Filhos guerra eterna.

(Osenado da alguns passos.)

Demorai-vos, Senado: inda me restaõ
Por dizer outros muitos attentados,
Que cometido haveis: Por que motivo
A filha de Tarquinio em vossos muros,
Captiva demorais? Sem respeito
As suas regias maõs prendeis em ferros,
Para insultar seu Pay, e os Reys da terra.
Que digo! Esses Tesouros, e riquezas,
Que com prodiga maõ sempre espalháraõ
Os Tarquinios em Roma, seraõ vossos
Por direito da guerra, ou volos deraõ?
Destronado tereis vosso Monarcha,
Afim de lhos roubar? Fallai Romanos;
E se a vossa ousadia chega a tanto,
Mandai que em vosso nome Bruto os negue.

B R U T O.

Mal conheces a Roma, e mal seu genio

Estes Pays dos Romanos, vingadores
Severos da justica, encaneceraõ
No regaço da purpura, e pobreza,
Fazendo baixa estima dos tesoiros,
Que sem pezar te cedem, tem por gloria,
Subjugarem os Reis, que em ouro abundaõ
Recebe pois, Aronte, essa riquesa,
Para nòs desprezivel. Do Tyranno
A desgraçada filha ao meu cuidado,
O Senado entregou, inda a despeito,
Da mortal aversaõ, que nutro nalma,
Contra toda a familia de Tarquinio:
Ella na minha caza naõ recebe
Os obsequios servis, e lisonjeiros,
Que dos Principes moços envenenaõ
Os brandos coraçoẽs; alli naõ acha
Avoluptuosa pompa, o molle fasto,
Que na estragada Côrte dos Tarquinios
Os seus incautos annos corrompia.
Mas naõ lhe tem faltado aquellas honras
E respeitoso trato, que se devem
'A sua idade, sexo, e mais que tudo,
Aos infortunios seus. Ja desde agora
Pode Tullia ausentar-se em liberdade,
Pode hir para seu Pay; ninguem a estorva;

Antes meu coraçaõ com sua ausencia
D'hum secreto prazer sinto inflamar-se;
Aos tyrannos so fique em nossos muros
Acolera do ceo, o odio de Roma:
E para que transportes ao teu campo
Esse ouro, que lá deve conduzir-se,
Hum dia, se te apraza; he quanto basta;
Entre tanto terás na minha casa
Hum asilo seguro, onde sem susto,
Gozarás dos direitos da hospedagem.
Eis aqui tudo quanto este Senado
Te manda annunciar por minha boca:
Hoje mesmo a Porsena levar podes
Com a minha resposta, viva guerra,
E contar francamente ao Rey Tarquinio
Quanto viste na Curia dos Romanos:
E nós vamos d'aqui ao Capitolio
Enramar as abobedas sagradas.
Do louro, que a meu filho a frente adorna:
Dos seus muros soberbos se pendurem
As armas, e os tropheos ensanguentados,
Que aos Toscanos ganhou seu feliz braço:
Oxalá que o meu sangue de vós digno,
Cheio do mesmo esforço em toda a idade,
Possa por vós obrar iguaes serviços.

Protegei sempre assim, benignos Deozes,
Contra os nossos tyrannos inimigos,
Consulado do Pay, armas do Filho.

SCENA III.

A scena representa huma sala da Caza de Bruto proxima ao Capitolio

ARONTE, E ALBINO,

ARONTE.

Tens, Albino, observado esta soberba,
Este genio inflexivel d' hum Senado,
Que invencivel se crê, e que invencivel
Sem duvida será, se acaso Roma
Tiver tempo bastante, com que possa
Arraigar esta intrepida ousadia
Nos peitos de seus filhos? Crê-me, amigo,
A liberdade, que os mortaes adoraõ,
Que eu mesmo prezo, e que roubar lhe intento,
Inspiras aos homens todos tal esforço,
Huma grandeza tal, qual elles mesmos
Jamais dentro em si proprios achariaõ,
Quando em Roma os Tarquinios imperavaõ,
A escravidaõ, e a Côrte effeminava

Os costumes do Povo, elle abatia
O natural valor: os seus Monarchas
Em continuos cuidados, trabalhando
Por sopear o orgulho dos vassallos,
Da Etruria a feliz paz naõ pertubavãõ:
Mas se o fero Senado, em fim, consegue
Fazellos dispertar do seu lethargo,
Se Roma livre for, perdeu-se a Italia.
Estes bravos leões, cuja fereza
Fôra pellos seus Reys domesticada,
Tornando á natural ferocidade,
Vãõ cahir sobre nós com furia horrenda:
Suffoquemos nas ondas do seu sangue
A semente fecunda, que, a seu tempo,
Ha de os males brotar da nossa Italia,
As desordens brotar do mundo inteiro.
Da Escravidaõ a terra se liberte;
E lancemos a Roma os mesmos ferros,
Que ao resto dos mortaes Roma prepara.
Que he feito de Messala; Esperar posso,
Que se affoute a fallar-me nesta casa.

ALBINO.

Elle, Senhor, naõ tarda livre entrada.
Se lhe permitte aqui; Tito o protege.

ARONTE.

E tu já lhe fallaste; Crês, que possa
Contar com seu socorro;

ALBINO.

Se eu naõ erro,
Messala, contra Roma conspirando,
Leva em vista mudar sua fortuna,
Importando lhe pouco o bem do Estado:
Elle constancia tem, tem affouteza,
Comó se honra, ou se amor da Patria sua,
O generoso peito lhe esforçara:
Senhor do seu segredo, e de si mesmo,
Impenetravel he nos seus projectos;
E inda quando mais arde em furia aceso,
Mostra serena paz, no falso aspecto.

ARONTE.

Esse mesmo conceito formei delle,
Quando em Roma, imperando inda Tarquinio,
Pella primeira vez pude fallar-lhe:
Suas cartas depois..... Mas elle chega.

SCENA IV.

Aronte, Albino, Messala.

ARONTE.

Generoso Messala, firme apoio,
Em que o teu Rey confia, que me dizes?
De Tarquinio os riquissimos tesouros,
Os dons do meu Monarcha naõ poderaõ,
Despertar a cobiça do Senado,
Tentar a fé Romana. D'huma Côrte,
Os suaves deleites, attractivos,
Esperança, ou temor, nada em fim pode
Nos duros coraçõe abrir-lhes brecha?
Será cada Patricio hum Deos tremendo,
Que julga dos mortaes, e que os naõ teme?
Saõ elles de paixões, de vicio isentos?
'As vozes d'ambiçaõ todos saõ surdos?

MESSALA.

Tal se julga o Senado, e assim se gaba:
Porem esta inteireza simulada,
Esta severidade incontrastavel,
He nos seus coraçõões imperioso
Ambiçaõ de reinar, e naõ virtude.
Sua feroz soberba piza, calca

Á soberba do sceptro; hum jugo quebrão
Para por suas mãos outro tecerem:
Pretextando vingar a liberdade,
E para defendella sempre armados.
São della os mais tyrannos oppressores;
Chamão-se Pays do Povo, seus patronos;
E á sombra destes nomes seductores
Procedem, à maneira de Monarchas:

ARONTE.

E não ha entre vós hum varão sabio,
Que em silencio deteste a indignidade
De tão vil servidão.

MESSALA.

Raros conhecem
O seu misero estado: allucinados
Esta grande mudança os enfatua:
De Roma o Cidadão mais vil, e abjecto
No seio da miseria, quando pensa,
Que os seus Reys destronou, Rey se acredita;
Mas eu por minhas cartas ja te disse
Que em Roma tenho amigos, que indignados
Soffrem com impaciencia o novo jugo;
Que não deixão guiar-se pellos erros

Dos Povos imbecis, e que no meio
Da rapida corrente immoveis ficaõ;
Homens de experiençia consumada;
Cuja cabeça, e braços foraõ feitos
Para fazer a sorte dos Imperios.

ARONTE.

E que posso esperar d' homens taõ bravos?
Seguiraõ do seu principe opartido?

MESSALA.

Promptos a tudo estaõ; he teu seu sangue;
Mas naõ presumas, naõ, que como escravos
Vaõ servir cegamente a hum amo ingrato:
Nenhum delles fanatico brasona
De immolar-se ao furor do despotismo;
Nem d' hum zelo insensato arrebatados
Iraõ expor-se à morte, sem mais lucro
Que vingarem a causa d' hum tyranno,
Que athe mesmo os seus nomes desconhece:
Tarquinio tem lhes feito altas promessas,
Mas logo que subir ao throno antigo
Se esquecerá de todas; ou (quem sabe)
Os temerá talvez. Assaz conheço
A conducta dos Grandes: na desgraça

Mostraò-se amigos, na fortuna ingratos,
Logo depois de ingratos inimigos:
Somos da gloria sua, em todo o tempo,
Hum servil instrumento, que desprezaò
Com fria indifferenca, em sendo inutil,
E sem piedade alguma o despedaçaò,
Quando temem lhę seja perigoso.
Com certas condiçoes, a quanto ordenas
Promptos nos has de achar: o que pedimos
He do nosso valor hum digno chefe,
Cujo nome somente conter possa
Os animos d' hum Povo incerto, e vario:
Hum chefe de poder taò respeitavel,
Que inda mesmo depois d' ampla victoria
Possa obrigar o Rey a que nos cumpra
Fielmente as promessas, que tem feito;
Ou se a nossa tençaò for descoberta
Hum intrepido chefe, que nos vingue.

ARONTE.

Pois tu naõ me escreverte, e me a affirmaste
Que era Tito.....

MESSALA.

De Roma he Tito o amparo,
Tito de Bruto he Filho; e apezar disto....

ARONTE.

Com que aspecto vê Tito as injusticas?
Com que tem premiado os seus serviços
O Soberbo Senado? Roma deve
A Tito a liberdade, e ainda assim mesmo,
Nem todo o seu valor pôde alcançar-lhe
Do Consulado as honras: sei de certo
Que se lhe tem negado.

MESSALA.

Que murmura,
Tambem, eu sei, Senhor, seu genio altivo
Está mui resentido desta injuria:
De taó bellas acçóes em recompensa
Conseguio tao somente huns vaôs aplausos,
Hum esteril, e frivolo triumpho,
Hum brilhante esplendor de pouca dura.
Eu tenho, de mui perto, contemplado
Da sua alma elevada os sentimentos,
E o fogo do furor, em que se abraza,
Heroe moço, que trilha, ha pouco tempo,
Os caminhos da gloria, como cego
Marcha por esta estrada, e facilmente
Podem extraviallo da carreira:
A mocidade fervida impetuosa

He facil de enganar, porem primeiro
Que grandes prejuizos naõ teremos
De arrancar lhe da idea? Roma, hum Consul,
Hum Pay, o odio aos Reys, o horror á infamia
E sobre tudo, em fim, suas victorias:
Sabe pois quem he Tito; entra em sua alma;
Conhece a indignaçaò, que o desespera,
E o secreto, veneno. em que se abraza:
Morre de amor por Tullia.

ARONTE.

Isso he possivel?

MESSALA.

Do fundo do seu peito, a muito custo,
Pude arrancar, Senhor, este segredo:
Deste amor Tito mesmo se envergonha;
A sua alma indomavel naô se atreve,
Nem mesmo a dizer que ama: ate medroso
Recea ser sensivel, e na luta
De taô grandes paixôes, que a alma lhe agitaõ,
Ofuror de ser livre abafa todas.

ARONTE.

Que, Messala? o destino dos Romanos
Neste dia a pezar dos meus esforços

Penderá das paixoens, e sentimentos
D' hum unico mortal? Naõ desmaiemos;
He necessario, Albino, que te aprompte
Para marchar ao campo de Tarquinio;
E nós vamos ao quarto da Princeza:
A longa experiencia dos meus annos
Algum conhecimento me tem dado
Dos coraçoẽs humanos; ler espero
No fundo da sua alma: talvez Tulia
Teça com suas maõs o fiel laço,
Em que espero hoje ver cahida Roma.

ACTO II.

SCENA I.

TITO E MESSALA.

MESSALA.

Hum sensivel amigo muito offendes.
Quem do segredo seu me diz metade,
Diz-me muito, e diz pouco; duvidosa
Suspeita a minha fe, e me injuria.

TITO.

Deixa de criminar-me: toda inteira
A tua fé minha alma se abandona.

MESSALA.

Que, Senhor? tu que dantes pesaroso
Comigo em liberdade, te queixavas
Do rigor inflexivel do Senado;
Tu, que tens derramado no meu peito
O Segredo maior, que Roma teve,
E de hum heroe as lagrimas queixosas;
Como possivel he que tanto tempo
Em silencio até agora conservasses
Hum mais pungente mal, dor mais sensivel?
O Teu amor me encobres com cautela?
Tanto imperio terá dentro em tua alma
A violenta ambiçaõ, que abafar possa
Taõ caros sentimentos? A repulsa,
Que o Senado te fez, he dos teus males
O que mais te atormenta. Por ventura
Aborreces-lo mais do que amas Tullia?

TITO.

Eu aborreco muito; eu amo muito;
Sou extremoso em tudo; naõ o nego:
O meu erro conheço, e dezejara
Meu triste coraçaõ poder vencer-se.

MESSALA.

Mas para que, Senhor, abres tu mesmo

Com tuas proprias maos tuas feridas?
Para que he encobrir o amor, em que ardes;
E naõ tuas injurias?

TITO.

Ah! Messala;
Que queres tu que eu faça Inda a despeito
D'aversaõ, que lhe tenho, a todo o risco
A minha vida expuz, verti meu sangue
A favor de hum Senado, que me inveja:
Tu bem o sabes, sim, por que o teu braço,
Teve em minhas victorias grande parte:
De mim grato prazer se apoderava
Ao falar do meu nome, e gloria minha:
Meu coraçaõ vaidoso dos triumphos,
Que o meu valor ganhára, reputava
Por huma grande acçaõ servir a ingratos;
Facilmente fallamos das disgraças,
Quando o nosso valor dellas triumpha;
Porem fallar de acções, que nos infamão,
Quanto, charo Messala, quanto custa.

MESSALA.

Mas que grande pezar, que infamia he essa?
Quaes saõ os sentimentos da tua alma,
De que deva jamais corar teu rosto?

TITO.

De mim proprio, Messala, me envergonho;
Corro-me de hum Amor, que he temerario;
Vaõ, imprudente, e ao meu dever opposto.

MESSALA.

Pois ambiçaõ, Amor, e os seus transportes,
Saõ indignas paixoẽs das almas grandes?

TITO.

Sim, amigo; ambiçaõ, ira, Ternura
Tudo me opprime. O grande orgulho
Dessa Curia de Reys insupportavel
Faz dos meus verdes annos baixa estima;
E me nega hum lugar, que o meu esforço
Tinha solicitado, e que era a paga,
Que ao meu sangue espalhado se devia.
No meio do furor, que me transporta,
Perco tambem o objecto, que mais amo;
Roubaõ-me Tullia, ah Ceos! roubaõ me Tullia!
Ah! Que cego furor! Misero Tito,
Tu naõ tinhas ousado pertendella,
E ao furor do ciume assim te entregas!
Naõ o posso encobrir; o grande fogo,
Que eu podera ate agora tanto tempo

Dentro d' alma abafar desesperado
Levanta viva chama, quando estava
A ponto de apagar se, e me naõ deixa
Esperança alguma de apagallo hum dia.
Tudo estava, Messala, concluido;
Auzentava se Tullia; o teu amigo
Do seu funesto amor ja triumphava;
Restaurava os direitos, que perdera;
Rompia os seus grilhões, naõ era escravo;
Mas o Ceo por ventura assignalado
Teria ao meu valor esta baliza?
Eu o filho de Bruto, que foi sempre
Inimigo dos Reys, aceitaria
Da Filha de Tarquinio as Leys em Roma?
E até mesmo recusa a ingrata impôr-mas;
Tito emfim, desprezado em toda a parte,
Comsigo a toda a parte o opprobrio leva.
Ofuror, a vingança, amor, vergonha,
Saõ as fortes paixoens, que huma apoz outra
Dos revoltos sentidos se apoderaõ.

MESSALA.

Poderei sem receio, em liberdade,
Descobrir-te, Senhor, meus sentimentos?

TITO.

Sempre dos teus conselhos a prudencia
Eu tive em grande preço; falla, amigo,
Faze-me envergonhar, lança me em rosto
Meus loucos desvarios.

MESSALA.

Pois attende.
Approvo o teu amor, e naõ crimino
O teu resentimento. Por ventura
Necessario será que sempre Tito
Autorise hum Senado de tyrannos,
Cuja fera altivez nos torna escravos.
Ah! se tu deves hoje envergonhar-te,
Naõ he do teu amor, he da paciencia,
Comque tens supportado estes soberbos;
Do teu honesto amor, em recompensa,
Em premio das victorias, que alcançaste,
Te verei feito victima da Patria,
Consumir os teus dias desditosos;
Obscuro Cidadaõ, sem dignidade,
Amante desesperado, supportando
Desprezos da Princeza, porquem morres?
Ultrajes do Senado, que proteges?
Quando talvez huma alma como a tua,
Poderia vingar-se do Senado,
E conseguir de Tullia o terno affecto;

TITO.

Com que falsa esperança lisonjeas
Minha alma perturbada. Por ventura
Eu dobrar finalmente poderia
O seu odio, ou virtude? Naõ, amigo,
Naõ fallemos em tal: assaz conheces
As barreiras fataes, que levantáraõ
Nosso dever, e Pays entre nòs ambos:
Igual ao meu amor he neste dia
Sem duvida o seu odio; e com effeito,
Tullia vai ja partir?

MESSALA.

Sim, hoje mesmo.

TITO.

Naõ murmuro do Ceo, faz-lhe justiça,
Elle para reinar criado a tinha.

MESSALA.

A Tullia o Ceo propicio destinava
Outro imperio, talvez mais agradavel,
Se naõ fora a soberba do Senado:
Esta guerra feliz se tu naõ foras,

(Perdoa-me, Senhor,) tu bem conheces
A sua grande herança qual seria.
Seu Irmaõ ja naõ vive, e Roma toda
A Tullia pertencia. Eu me arrebato
Talvez a hum grande excesso; mas adverte,
Que se, para fazer-te affortunado,
Naõ for preciso mais que a minha morte,
Se todo o sangue meu.....

TITO.

Ah! Naõ amigo;
O meu dever somente he quem me rege:
Hum mortal, que de amor arrasta os ferros,
Apenas queira, he livre; o seu veneno,
He verdade, Messala, eu to confesso,
Turbou minha razaõ alguns momentos:
Porem hum coraçaõ affeito ás armas
D' huma branda paixaõ sabe livrar-se:
Por sermos fracos he que amor he forte.

MESSALA.

Aronte para aqui ja se encaminha;
Esta honra singular.....

TITO.

Que honra funesta!
Aronte que me quer? Que vem dizer-me?
Elle me rouba Tullia. Aronte acaba
De fazer desgraçados os meus dias.

SCENA II.

TITO, ARONTE, E MESSALA.

ARONTE.

Depois de inutilmente haver tentado,
Ante o Senado vosso, quanto pude,
Para o salvar da proxima ruina;
Permitte-me Senhor, que tributando
Devidas homenagens à virtude,
Admire, em liberdade, o illustre esforço
D' hum braço, que hoje vinga a patria sua,
E que a suspende á borda dos abismos,
Em que o mesmo Senado a precipita.
Quanto, quanto, Senhor, eras mais digno
D' outra mais justa causa! Que diversa
Fora do teu esforço a recompensa,
Se no servico d' outrem delle usaras!
Ha Reis, ha Reis, no mundo, (ouso affirmallo)
Que a sorte dos seus Reinos entregado

Nas tuas maõs teriaõ, sem temerem
As virtudes, que em ti os Reis admiraõ,
De que Roma se espanta, e que o Senado
Com ciume te inveja. Enternecido
Me condoo de ti, quando te vejo
Servir hum Senhor duro, insupportavel,
Que do merito alheio se enfurece,
E que ingrato naõ deixa comover-se
Dos mesmos beneficios, que recebe;
Hum Senhor, que nascido para escravo,
Com fraqueza cobarde, tem por honra
Carregar sua maõ pesada, e dura
Sobre os mesmos, que o jugo lhe quebráraõ;
Hum Senhor, que se acaso naõ tivera
Usurpado os direitos do diadema,
Deveria de ti aceitar hoje
Aquellas mesmas Leis, que delle aceitas

TITO.

Teu cuidado agradeço, e das bondades,
Com que tanto me tens lisonjeado,
Os motivos respeito: Eu naõ pertendo
Agora examinar, se com destreza
Pensa a tua politica servir-se
Dos meus grandes desgostos para armar-me
Contra a minha Republica, arrastando

Com arte lisonjeira as minhas iras
As fataes imprudencias, que costumaõ
Acompanhar da colera os furores.
Poupa os vaõs artificios, com que intentas
Sorprender minha nua singeleza:
Meu coraçaõ aberto nada encobre:
O Senado me ultraja, e sei que tenho
Para ter-lhe aversaõ motivo justo;
Com effeito lha tenho; mas meu braço
Prompto sempre estará para servillo.
Quando o publico bem nos chama às armas,
Roma extingue nos peitos de seus filhos,
Qualquer particular resentimento.
Triumphando primeiro de nòs mesmos,
Reunidos marchamos ao combate,
Eos Toscanos so temos por imigos,
Eis aqui qual eu sou, e qual ser quero;
Ou seja por grandeza, ou por virtude,
Ou seja (pode ser) vaõ prejuizo,
Nasci entre os Romanos, e por elles
Avida perderei: este Senado
Assim mesmo invejoso, austero, injusto
Tem no meu coracaõ mais alta estima
Do que o Sceptro d'hum Rey, da Corte ofaito:
Sou filho em fim de Bruto; e trago impressa
Dentro em meu coraçaõ a liberdade,
Horror eterno aos Reis.

ARONTE.

E naõ he falso
Esse encanto, que assim te lisonjea!
Bem como ati me he chara a liberdade;
Eu vassalo d'hum Rey colho os seus fructos;
Tu te perdes por ella sem gozalla.
Que coiza mais dispotica ha no mundo
Do que hum Reino em Republica mudado?
Naõ tendes outra Ley mais que o capricho
Dos severos tyrannos, que vos regem;
Seu barbaro rigor he surdo às vozes
Do sangue, do favor, e dos servicos:
O Senado vos vexa, o Povo insulta:
Ou haveis trabalhar por que vos temaõ,
Ou haveis aviltar-vos como escravos.
De Roma o Cidadaõ cheio de inveja,
Ou de insolente orgulho te aborrece,
Sem poder supportar tua grandeza,
Ou hombrea comtigo: esplendor grande
Os seus olhos espanta, e vê severo
No bem, que se lhe faz, o mal, que teme
Se lhe possa fazer: por fim de tudo
Decreto odioso de desterro injusto
O premio vem a ser do sangue honrado,
Que em seu favor se verte. Eu bem conheço
Que tambem ha na Corte seus escolhos,

Porem ali os dias saõ mais ledos;
Respiramos ali huma aura doce,
Menos sujeita às horridas procellas:
Muitas vezes a grata liberdade,
De que tanto as Republicas brazonaõ,
Milhor junto d'hum Rey seus dons ostenta.
Elle ama, recompensa, e generoso
Aos serviços os premios antecipa:
A gloria he compativel, ao seu lado,
Cos suaves encantos dos prazeres:
Charos ao nosso Rey, e defendidos
Pellos raios da sua auctoridade,
Servimos hum Senhor, e os mais nos servem.
Ovulgo deslumbrado por hum fasto,
Que respeita, e que estima cegamente,
Athe dos nossos erros nos aplaude;
Hum Senado invejoso naõ tememos;
Calcaõ se à nossa vista as Leis severas.
Ah Senhor! Tu nascido para a Côrte,
Bem como pâra as armas, que favores,
Que graças haverias alcançado
Da maõ do Rey Tarquinio! Eu ja to disse;
Tarquinio ama te muito; e repartido
Comtigo ja teria grande parte
Do seu poder supremo; a vãa soberba
Do Senado abatida às plantas tuas. . . . .

TITO.

Eu ja vi sua Côrte, e desprezei-a.
Conheço que sem custo poderia
Alcançar com Tarquinio alta privança;
Sendo dos seus escravos oprimeiro,
Do resto dos escravos ser tyranno;
Porem graças aos Ceos dentro em minha alma
Taõ indigna fraqueza entrar naõ pode
Eu quero-me elevar, mas sem opprobrio.
Tito em fim naõ nasceu para vassalo;
Contra os Monarchas teus sempre esforçado
Combater saberei, tu vai servillos.

ARONTE.

Dessa tua constancia louvo o excesso;
Mas lembre-te, Senhor, que foi Tarquinio,
Quem te educou na infancia, elle inda agora
Disto bastante vezes se recorda:
Inda ha bem pouco tempo (foi, foi hontem)
Que chorando comigo amargamente
A morte de seu filho, e, seus desastres,
Com frequentes soluços, me dizia:
" Tito seria o amparo do meu sangue;
" So Tito achava em Roma, que podesse
" Ser digno do meu throno, e minha filha.

TITO.

De sua filha! oh Ceos! da bella Tullia!
Infelizes dezejos.

ARONTE.

Neste instante
Vou conduzilla ao Rey, que abandonaste,
Tullia; longe de ti, da patria longe,
Vai do Rey da Liguria ser esposa:
Tu prosegue a servir ao teu Senado,
A perseguir seu Pay, vexar seu Povo;
Que antes de muito tempo ver espero
De Roma as altas torres abatidas;
O Capitolio a cinzas reduzido;
Estas vastas abobedas em chamas,
Alluminando os tumulos horrendos
Do Senado, e do Povo as tochas serem,
Que se accendaõ de Tullia no consorcio.

SCENA III.

TITO, E MESSALA

TITO.

Ah meu charo Messala! em que desordem
Aronte me deixou o Rey Tarquinio
Me teria escolhido! oh dor violenta!

Eu teria podido.... Tal naõ creio;
Naõ temivel Ministro; tu so vinhas
O segredo sondar do amor, em que ardo?
Epossivel será que algum me veja
E o meu segredo ignore! nos meus olhos
Aronte o fogo leo, que me devora;
E certo da fraqueza da minha alma
A sua Côrte volta, onde insolente
Zombará dos projectos, que me inspira
Hum amor temerario: Por esposa
Eu poderia obtella! E consagrar-lhe
A minha vida toda! Reservado
Teria para mim Tullia o destino!
Quanto sou desditoso?

MESSALA.

A culpa he tua;
Podias ser feliz, podia Aronte
Ser do teu justo amor apto instrumento:
Acredita-me, Tito.

TITO.

Desterremos
Essa esperança futil. Roma inteira
Por mim ao Capitolio está chamando:
A' sombra dos seus arcos de triumpho,

Cheios da minha gloria, e meus trabalhos,
Congregado me espera o Povo todo,
Para darmos principio aos juramentos,
Que tremendos seraõ penhor seguro
Da nossa liberdade.

MESSALA.

Vai, amigo,
Vai servir esses Reis.

TITO.

Quero servillos.
O meu dever he este; hei de cumprillo.

MESSALA.

Porem que! Tu suspiras?

TITO.

Meu triumpho,
He mui cruel.

MESSALA.

Com tudo o compras caro.

TITO.

Será muito mais bello: vem Messala;
No estado, emque me ves naõ me abandones.

MESSALA.

Vamos, he necessario acompanhallo,
A fim de irritar mais os seus disgostos,
Ecravar bem no centro do seu peito,
Oferro, que o lacera.

SCENA IV.

BRUTO MESSALA.

BRUTO.

Naõ te ausentes,
Tenho duas palavras, que dizer te.

MESSALA.

Amim, Senhor?

BRUTO.

Ati, ouve me attento;
Hum funesto veneno se derrama,
Por toda a minha casa occultamente;
Tiberino, meu filho, enfurecido,

Contra seu proprio irmaõ ja claras mostras,
De ciume invejoso nos tem dado ;
Tito por outra parte todo entregue
A diverssa paixaõ ; segue os transportes
Do furor, que sua alma resentida
Chegou a conceber contra o Senado ;
O Embaixador Toscano, testemunha
Desta sua fraqueza, alegre e astuto
Quer d'ella aproveitar-se. Eu sei, Messalla,
Que Aronte lhe fallou ; e Bruto teme
As seductoras vozes d'hum Ministro,
Nas intrigas da Côrte encanecido.
Elle ao campo à manhaã voltar devia ;
Porem para hum traidor hum dia, às vezes,
He tempo de sobejo : descansado
Os sustos que me causa afastar quero.
Vai pois da minha parte annunciar-lhe,
Que de Roma hojé mesmo se retire ;
Que assim lho manda Bruto.

MESSALA.

Com prudencia
Obras, Senhor, sem duvida, e contente
Espero ficarás da brevidade,
Com que parto a cumprir o teu preceito.

BRUTO.

Naõ te disse inda tudo, escuta o resto;
Sei que unido comtigo está meu filho;
Sei o grande ascendente, com que impera
Em sua alma a amizade, elle hé sincero,
E crê que os mais o saõ: seus verdes annos
Tem à tua experiencia abandonado:
Porém quanto elle mais em ti confia,
Tanto devo esperar, que cuidadoso
O saibas dirigir, naõ consentindo
Que do recto caminho se desvie;
E que naõ quereràs infielmente,
Abusando da idade d'hum mancebo,
Tirar dos erros seus hum lucro indigno;
Inspirar-lhe dezejos ambiciosos,
E o coraçaõ incauto corromper-lhe.

MESSALA.

Disso mesmo, Senhor, neste momento
Acabo de fallar-lhe. Tito sabe
Imitar a seu Pay, servir a Roma:
Elle ama cegamente o Pay, e a Patria.

BRUTO.

Assim deve fazer; mas sobre tudo,

Deve amar Tito as leis, ser seu escravo;
Supportar o seu pezo: todo aquelle,
Que violar pertende alguma dellas,
Naõ ama a Patria sua.

MESSALA.

Ambos ja vimos
O como o seu valor sabe servilla.

BRUTO.

Cumprio o seu dever.

MESSALA.

Roma cumprirá
O seu dever tambem, se concedera
A taõ bom Cidadaõ mais claras honras.

BRUTO.

Naõ, Messala: de Tito os verdes annos
D'hum Consulado as honras lhe desviaõ;
A meu filho neguei meu voto eu mesmo:
Se a fortuna tivera protegido
Sua louca ambiçaõ; dado teria,
Para a depravaçaõ dos seus costumes

Roma o primeiro passo ; hereditaria
Seria da virtude a recompensa ;
Do mais honesto Pay o indigno filho
No regaço do luxo, e da molleza
Esperaria as honras, e os empregos
Tanto mais confiado, quanto menos
Fosse digno de obtêllos : em Tarquinio
Temos desta verdade a grande prova.
Quem na purpura nasce, varias vezes
He da purpura dignõ : o Ceo nos livre
De abuso taõ fatal, que he berço d'ocio,
Tumulo da virtude. Se he vérdade,
Como folgo de crer, que amas a Tito
Ensina-lhe milhor, qual seja o trilho
Da verdadeira gloria ; e lhe süffoca
Dentro do coraçaõ o louco orgulho.
Meu filho deve dar hum nobre exemplo
De todàs as virtudes ; vejo nelle
Dos Romanos o amparo, e destemido
Quanto mais tem obrado em seu socorro ;
Tanto mais delle exijo neste dia :
Por estes meus dezejos facilmente
Podes conjecturar que amor lhe tenho ;
Modera-lhe da incauta mocidade
Oviolento ardor : lizonjeallo
He Messala perdello, e ultrajar Roma.

MESSALA.

Ate agora, Senhor, mais não fazia
Que seguillo aos combates, procurava
Imitar seu valor, sem que atrevido
Quizesse intrometer-me a aconselhallo:
A minha auctoridade não he grande
Mas se elle se dignar acreditar-me,
Antes de muito tempo verá Roma
Como Tito ama a gloria.

BRUTO.

Vai, Messala;
E jamais os seus erros lisongees;
Pois se Bruto os tyrannos aborrece,
Inda mais aborrece os lisonjeiros.

SCENA V.

MESSALA.

Nao ha tyranno algum mais detestavel,
Nem mais duro do que essa auctoridade
Da tua alma intractavel: Vai, soberbo;
Que talvez a meus pes, em breve tempo,
Dessas falsas virtudes abatida
Verei a presumpçaõ jactanciosa;
Colosso formidavel, que hum vil Povo

Sobre as nossas cabeças tem alçado,
Pode ser que eu te abata: o raio he prompto.

ACTO III.

SCENA I.

Aronte, Albino, e Messala

ARONTE.

Com huma carta na maõ

Ja começa a raiar-me a luz brilhante
D'huma justa esperança: a diligencia,
Com que me tens servido, me foi util:
Sim, Albino; contem-se nesta carta
O destino de Roma, e o de Tarquinio,
Tens tu assignalado ja no campo
O momento fatal de apromptar tudo?
Tem-se com attençaõ examinado
A Porta Quirinal? a nossa gente
Para assaltar os muros será prompta,
Se a caso os conjurados esta noute
A prometida entrega naõ fizerem?
Tarquinio està contente? E tu que pensas?
Elle entrarà em Roma destroçada,
Ou em Roma sugeita sem ruina?

ALBINO.

Na segunda vigilia a nossa gente
Posta em armas. Senhor, ha de estar prompta?

Tarquinio satisfeito antecipados
Ja dos projectos teus os fructos gosta;
Julga dever-te o Sceptro; e abertamente
Lhe ouvi dizer, eu mesmo que te deve
Indá mais beneficios que a Porsena.

ARONTE.

Se os Deozes formidaveis inimigos
D'hum Principe infeliz, naõ malograrem
Os meus grandes projectos do Ceo dignos,
A's suas Leis sugeita, à manhaã mesmo,
Tarquinio verá Roma, ou talvez antes
Averá fumegar tornada em cinza,
E no seu proprio sangue submergida:
Hum Rey ao throno seu restituido
Deve mais dezejar ter por vassalos
Hum Povo miseravel, mas sugeito;
Do que ter de enfrear sempre assustado
D'hum Povo mui feliz o orgulho indocil
Deixa me agora Albino, que em segredo
Pella Princeza espero: Tu detem-te,

SCENA II.

Aronte, Messala.

ARONTE.

Que tens feito, Messala? conseguiste
Dobrar o fero Tito? Acaso pensas
Que o partido dos Reys abraçar queira?

MESSALA.

Sobejamente credulo o julgava;
Ama Tito inflexivel muito a patria;
Tem muito emfim de Bruto; de continuo
Se queixa do Senado; arde por Tullia:
Altivez, ambicaõ, amor, ciume,
O fogo das paixoens, os verdes annos,
Tudo me parecia abrir entrada
A's minhas seducçoens dentro em sua alma:
Com tudo (quem tal crêra) a liberdade
He de tantas paixoens a que triumpha:
Tem por Tullia, he verdade amor sobejo:
Mas o que tem à Patria inda he mais forte
Eu tentei pouco a pouco hir apagando
Esta grande aversaõ, que imprimio Roma
Contra o nome de Rey, dentro em seu peito;
Mas tudo foi baldado; já mais pude
Da sua prevençaõ desabusallo:
Dos Tarquinios o nome he quanto basta
Para accender lhe a colera: ate mesmo
No meio do discurso de improviso
Dos meus olhos fugio; e me teria
Aventurado a muito se tivera,
Concluido o discurso começado.

ARONTE.

Nao tens logo esperança de dobrallo?

MESSALA.

Confesso que a perdi; porem naõ tenho
Encontrado taõ grandes embaraços
Em atrahir o Irmaõ ao teu partido:
Ao menos seduzi de Bruto hum filho.

ARONTE.

Que, Messala! ganhaste a Siberino?
Declara-me qual foi o meio occulto,
Qual a feliz intriga de que usaste!

MESSALA.

Foi a sua ambiçaõ. Ha muito tempo
Que Tiberino vê com grande inveja
As honras differentes, com que em Roma
Seu Irmaõ se distingue. Os estandartes
Dessas fataes abobedas pendentes,
Apompa triumphal, os verdes louros,
Os coraçoens em fim de Roma inteira,
E athe mesmo o de Bruto, que voando
Nos publicos festejos o precedem,
Saõ para Tiberino affrontas graves,
Que atiçaõ na sua alma exasperada
D'huma secreta inveja ovoraz fogo:
Em quanto sem rancor o brando Tito,
Muito assima do Irmaõ para envejallo,

Do carro triumpal lhe estende os braços;
Mas neste mesmo abraço Tiberino
Deixava perceber que gloria tanta
Era ao seu coraçaõ pezo importuno.
Logo me aproveitei destes momentos;
Aos seus olhos pintei com vivas cores
N' uma Côrte magnífica, e brilhante
Hum mais glorioso emprego: a instancia dobro;
Em nome do Rey mesmo lhe prometo
Em Roma as honras todas, que dar pode,
A' excepçaõ do Throno, hum Rey poderoso.
Em fim minhas promessas o abalaraõ;
Nosso partido abraça, e quer fallar-te.

ARONTE.

E com efeito crês, que Siberino
A Porta Quirinal possa entregar-nos?

MESSALA.

Está de Tito a cargo o defendella,
Cuja fatal virtude embaraçado
Tem dos vossos destinos a carreira
He hum Deos, que prezide nestes muros
A' salvaçaõ de Roma: na-o devemos
Arriscar hum assalto de improviso;
A socorrer-nos Tito era seguro,
Mas sem o seu auxilio he muito incerto.

ARONTE.

Se Tito com instancia tem pedido
Do Consulado as honras, he possivel
Que possa desdenhar a maõ de Tullia,
Que por dote lhe traz hum grande Throno ?

MESSALA.

Para a suavirtude aspera, e rude
He o throno huma affronta.

ARONTE.

Porem Tito
Deveras ama a Tullia ?

MESSALA.

Tito a adora:
Sua grande paixaõ tanto mais cresce,
Quanto forceja mais por subjugalla:
Pella filha se abraza, e o pay detesta;
Teme fallar lhe, e com violencia cala;
Ora corre apoz ella, ora lhe foge;
E sem queixar-se as lagrimas devora:
Naõ tem inda de amor mais que os furores;
N' agitaçaõ cruel desta tormenta
He bastante hum momento, algumas vezes,

Para lançar por terra hum varaõ forte:
O caracter de Tito assaz conheço:
Arrebatado, e ferido se chega
Huma vez a tomar nosso partido
Irá muito mais longe do que eu quero.
Talvez do amor, em que arde, a viva chama
D' ambiçaõ, que o devora, o fogo ateie.
Tenho toda a certeza de que alegre
Abatida veria às plantas suas
Do tremulo Senado a frente humilde.
Mas eu te enganaria se promessa
Me atrevesse a fazer-te de que Tito
A taõ fatal amor queira render-se.
Eu posso inda fallar-lhe, e neste dia....

ARONTE.

Como Tito ama a Tullia, inda, Messala,
De podello dobrar naõ desconfio:
Hum mover d'olhos sò, huma palavra,
Que Tullia pronuncie, mais depressa,
Sua feroz virtude amançar pode,
Do que todas as artes seductoras
D'hum chefe de traiçaõ, ou d'hum Ministro,
Nada espremos dos homens, senaõ forem
Pella sua fraqueza acomettidos:
D'hum a grande ambiçaõ, d'outro a ternura
Neste dia seraõ os conjurados,

Que haõ-de ao meu Rey servir: d'elles espero
Conseguir em fim tudo, por que podem
Muito mais do que eu posso.

SCENA III.

Tullia Algina e Aronte

(ao entrar Tullia Messala se retira.)

ARONTE.

Neste instante
Esta carta, Senhora, me enviaraõ
Da parte de Tarquinio, o qual ordena
Que em tuas maõs augustas seja entregue.

TULLIA.

Ceos, protegei meu Pay, mudai-lhe a sorte

(Lê.)

" Othrono dos Romanos inda pode
" Das cinzas levantar-se: quem valente
" O derribou por terra, pode erguello.
" Hum grande heroe he Tito, e lhe pertence
" A defensa d'hum Throno, a que pertendo
" Comigo associallo: naõ te esqueças
" De que he teu Pay Tarquinio, e de que pende
" De ti o meu destino: inda estàs livre,
" A maõ do Rey Ligurio engeitar podes.

Seràs de Tito Espoza, se o dezejas.
Que li! Tito, Senhor! serà possivel? . . .
Tarquinio, que ategora em seus desastres
Sempre huma alma inflexivel tem mostrado,
Poderà consentir, ... Mas quem lhe disse . . .
De que modo . . . . Ah Senhor! viràs acaso
Só a fim de sondar os meus segredos?
D'huma triste Princeza as magoas poupa.
Ah! naõ venhàs tecer hum laço astuto
A' minha incauta idade.

ARONTE.

Naõ, Princeza,
Fiel ao Rey Tarquinio eu sei somente
Cumprir o meu dever, calar, servir-te.
Naõ me toca indagar esses segredos,
Que temes confiar-me; nem eu quero
Erguer com maõ ousada o veo sagrado,
Que os segredos encobre da tua alma:
Somente a meu dever manda dizer-te,
Que o Ceo quer que por ti do abatimento
Dos Romanos o Throno se levante;
Que das tuas virtudes premio seja.

TULLIA.

A Tito ganharei, quando ao Pay sirvo!
Como, como, Senhor será possivel. . . . .

ARONTE.

Nao duvides Princeza: este alto heroe
A favor dos seus Reys ja se interessa.
Destes Republicanos desabridos
A triste austeridade da sua alma
A nobre elevaçaõ tem revoltado;
Do Consulado os honras lhe negaraõ;
E com esta repulsa de tal sorte
Asua grande colera enfurecem;
Que ja para os seus Principes de grado
Ocoraçaõ de Tito está propenço.
Acaba tu, Princeza, esta obra grande.
Eu naõ tenho ateagora pertendido
Sondar os seus occultos sentimentos;
Mas, como te conhece, deve amar-te.
Quem ha que possa ver, sem deslumbrar-se,
Hum sceptro por maõ tua offerecido,
E tornado por ti muito mais bello?
Falla-lhe so, Princeza, que isto basta;
Do inimigo dos Reis triumpha hum dia,
Rouba, rouba ao Senado, e a teu Pay torna
Este Deos tutelar, que a Roma ampara.
Aincomparavel honra em fim merece
De ter de tua maõ pendente agora
A sorte de teu Pay, e a dos Romanos.

SCENA IV.

TULLIA, ALGINA

TULLIA.

Oh Ceos? que grato incenso vos naõ devo!
Desarmou vossas iras o meu pranto:
Tudo mudado está: vossa justiça,
Naõ so torna innocente hum amor puro,
De que eu propria ateagora me corria;
Mas ate opremeia, consentindo
Que deste meu amor solte o segredo.
Vai procurallo, Algina; corre, voa.
Oh Deozes: Inda Tito a Tullia foge!
Hade elle ser feliz, e hade ignorallo!
E tu que sabes, Tullia? Esta esperança
Naõ poderá talvez ser mentirosa?
Tito contra o Senado concebido
Terá tanta aversaõ? Mas ah! que digo?
Deverei ao furor, em que se abraza,
Hum bem, que ao seu amor dever quizera!

ALGINA.

Sei que contra o Senado em furias arde;
Sei que tem ambiçaõ, e sei que te ama.

TULLIA.

Elle tudo fará por meu respeito:
Naó duvides, Algina, pois me adora.
Parte, naõ te demores
(vai-se Algina) Todavia
Esta grande mudança inopinada.....
Esta carta que Aronte....Ah! que cuidados
Ocoraçaõ me assaltaõ! Deixa, Tullia,
Deixa agora brilhar em liberdade
Teu amor, e virtude: assim to ordena
Arazaõ, o dever, agloria, tudo.
Que meu Pay deverá o seu diadema
Ao fogo, em que me abrazo! Será Tullia
Quem de Tito, e Tarquinio enlace as almas!
Afortunado Estado neste dia.
Vai renascer da minha! Ah! doce objecto,
A quem ja posso amar, quando explicar-te
Poderei esta subita mudança,
A quem nemtu, nem eu timidamente
Aspirar se atrevia? Quando, Tito
Nos meusjustos, e placidos transportes
Poderei escutar-te sem disgosto,
Fallar-te sem remorsos. Os meus males
Acabáraõ se em fim: eù te perdoo,
O' Roma, quantos sustos me causaste;
Se te abandona Tito, em breve tempo
Escrava te verei: e tu, Senado,

Se Tito me despoza, estàs perdido;
O Teu heroe me adora; Ah! treme treme;
E reconhece nelle oteu Monarcha.

SCENA V.

TITO, E TULLIA.

He verdade, Senhora, que te dignas
D'inda ver outra vez o aspecto odioso
D'hum Romano culpado em tantos crimes,
Contra ti cometidos! D'hum imigo
Pello teu coraçaõ aborrecido
Com taõ justa razaõ!

TULLIA.

Senhor, ja tudo.
Entre nós se mudou, ja meu destino
Me permittio, emfim..... Tito, he preciso
Que me digas, se tenho na tua alma
Hum verdadeiro imperio.

TITO.

Etu, Senhora,
Deste imperio fatal duvidar podes?
Como possivel he, que desconheças
Ofogo, em que me abrazo? que encoberto

Te seja omeu delicto, e o triste estado;
Da desesperaçaõ, em que me vejo.
Ah! tu mandas assaz sobre a minha alma!
A vida, que eu respiro, e que aborreço
He tua, fez-te amor Senhora della.
Falla pois; Tullia, manda, as justas iras
Acaba de esgotar, que o meu destino
Nas tuas mãos està.

TULLIA.

E o meu depende
Taõsomente de ti.

TITO.

De mim! que escuto
Meu coraçaõ tremendo de alvoroço,
Mal pode acréditar-te. Que ja Tito
Naõ serà do teu odio triste objecto!
Dize, Princeza; acaba. Que suave
Encantadora esperança n'hum momento
Ao cume de fortuna me levanta!

TULLIA.

(entregando-lhe acarta)

Lê Tito este papel; e felicita

A sorte de meu Pay, a minha, a tua
(em quanto Tito lê)
Lisongear-me pois agora posso.....
Mas qua severos olhos! Donde nasce
Hum taõ triste sombrio acolhimento!
Por que causa este aspecto consternado?
Oh Ceos!

TITO.

Naõ ha na têrra, em toda a terra
Mortal mais infeliz; o fado adverso,
Que com furia teimosa me persegue,
Apresenta-me aos olhos a ventura,
E com avara maõ logo ma esconde:
Epara se agravarem mais meus males,
O deploravel Tito, que te adora,
Podia possuir-te, e emfim te perde.

TULLIA.

Tu me perdes?

TITO.

Sim, Tullia: este momento
Me condemna apassar da vida o resto

Ou no seio do horror, ou da ignominia;
A ser traidor ati, ou sê-lo a Roma:
Ja naõ posso escolher outro partido;
Hei de ser infeliz, ou criminoso.

TULLIA.

Que dizes? Quando eu venho dar-te hum sceptro,
Quando podes obter me, e vês que te amo;
Sim, quando vês que te amo; pois naõ quero
Por mais tempo encobrir-me, o poder patrio,
Que os meus ternos dezejos authoriza,
A falar-te me obriga desta sorte.
Ah! contente eu julgava que este dia
Fosse da minha vida o mais ditoso,
Mas oprimeiro instante, em que te pude
Sem corar descobrir meus sentimentos,
Hum instante serà, do qual, ingrato,
Terei de arrepender me eternamente?
Como, como te atreves a falar-me
De desgraças, ou crimes. Ah tyranno!
Servir contra o teu Rey a hum povo ingrato;
Opprimir-me, adorar-me, e desdenhoso
Regeitar os meus dons; eisaqui Tito,
Quaes saõ minhas disgraças, e teus crimes,
Abre-os, e peza na balança

D' huma parte as repulsas do Senado,
E d' outra parte othrono, que offerto:
Escolhe dar as leis, ou recebellas
D' hum vil povo, ou d' hum Rey; de Tullia,
ou Roma
Oh Deozes! inspirai-lhe ajusta escolha.

TITO.

(entregando-lhe a carta.
Minha escolha está feita.

TULLIA.

E que resolves?
Tens acaso receio de dizer-mo?
Ah! fala sem temor, faze-te digno
Do teu perdaõ emfim, ou do meu odio.
Qual será tua sorte?

TITO.

A de ser digno
De ti, e até Senhora, de mim proprio;
De ser fiel a Roma combatendo
Sempre em sua defença, inda a despeito
Do grande amor, em que por ti me abrazo,
De adorar as virtudes, qué te adornaõ;

De imitallas taõbem ; numa palavra
De ser digno de ti, e de perder-te.

TULLIA.

Logo assim para sempre. . . .

TITO.

Ah! sim, perdoa,
Perdoa-me Princeza, e da memoria
Apaga o meu furor ; attende ao menos
A' fraqueza de Tito Ah! naõ, naõ queiras
Afim de me perder servir-te della :
Compassiva piedade te mereça
Hum triste coraçaõ, que he de si mesmo
O mais feto inimigo, e que mil vezes
Foi menos desgraçado, quando irada
Em vez de ter-me amor odio me tinhas.
Ah' perdoa, perdoa, que eu naõ posso
Deixar-te, nem seguir-te : o meu destino
Nem sem ti, nem comtigo me permite
Que possa respirar ; e inda assim mesmo
Primeiro morrerei, que ver-te alheia.

TULLIA

Eu tudo te perdoo, inda sou tua

TITO.

Pois bem; se tu es minha, sê Romana;
Ama a nossa Republica; sê Tullia,
Sê mais do que Rainha. Sim por dote
Traze-me, em vez da Regia authoridade,
O amor do meu Paiz, e das leis minhas;
Hoje por tua may recebe a Roma,
O seu libertador por teu espozo,
E Bruto por teu Pay. Roma excedida
Por ti em sentimentos generosos
Deva à Filha dos Reys a liberdade.

TULLIA.

Que dizes? Eu havia ser traidora!

TITO.

A dezesperaçaõ louco me torna.
Naõ, Tullia, naõ: toda a perfidia he feia;
Toda a perfidia he barbara: eu conheço
Assaz o que he ser Pay, sei quanto podem;
Sei taõbem.... Sei que te amo, e que amim proprio.
Alheio do que fui me desconheço.

TULLIA.

Hum so favor te rogo: attende, Tito,
Ao menos ao meu sangue

TITO.

Edevo eu menos
Ao meu sangue attender, e à patria minha?

TULLIA.

A' tua Patria! Ah barbaro! Sem Tullia
Tua Patria qual he?

TITO.

Somos imigos.
A natureza, e as leis nos impozeraõ
Este dever terrivel.

TULLIA.

Nòs imigos!
Pronunciar tal nome tu podeste!

TITO.

A minha lingoa o disse; mas ca dentro
Todo o meu coraçaõ diz o contrario.

TULLIA.

Pois anima-te; ajuda os meus intentos,
Vinga-me, se me adoras.

SCENA VI

Bruto Aronte Tito Messala Albino
Proculo, e Lictores

BRUTO.

He preciso
Partir prestes; no principio
Das tempestades publicas naõ pode
Restituir-te Roma aos teus Penates.
Tarquinio mesmo entaõ todo occupado
Dos injustos cuidados de opprimir-nos,
Esquecido deti, e confundindo
No desastre geral toda a familia,
De sua propria filha a liberdade
A Roma naõ pedio: benigna soffre;
Que d'huma triste idea te recorde:
Eu te privei d'hum Pay, mas fui eu mesmo
Quem te servio de Pay neste abandono.
Vai agora Princeza, o Ceo te chama,
A reinar na Liguria; elle permitta
Que seja guarda eterna do teu throno

Inteireza inflexivel: se pertendes
Ser dos vassallos teus obedecida,
Da-lhe primeiro o exemplo; as leis naõ quebres:
Treme de frio susto contemplando
Os deveres dos Reys; e se algum dia
Amalicia fatal dos lisongeiros
Conseguir, que em tua alma duvidosa
A justica vacille; no momento
Em que proxima ao risco te contemples
De abusar da Suprema auctoridade,
Recorda-te de Roma, e de Tarquinio:
Este famoso exemplo, em que se funda
Minha esperanca toda, seja o mestre,
Que os Monarchas ensine a serem justos,
E que faça feliz o mundo inteiro.
O Senado, Senhor manda entregar-te;
A seu Espozo, e Pay; guialla podes;
E Proculo tambem por ordem sua
Te deve acompanhar á Sacra porta.

TITO.

(*hum pouco afastado*)

Oh furiosa paixaõ desesperada!

(*chega-se a Aronte*)

Naõ, consentir naõ posso em tal partida.

Permitte-me, Senhor..... Ah! como oh Deozes!
Como o tormento meu, e a minha infamia
A vida me naõ tira!
(*cahem todos excepto Tito Aronte Messalla*)
Aronte, espera,
Falar-te poderei?

ARONTE.

O Tempo aperta;
E tu bem vês, Senhor, que seguir devo
A teu Pay; e a Princeza; posso apenas
Demorar-lhe a partida huma so hora.
Teme-se por mais tempo te dilates:
No seu quarto te espero; alli podemos
Livremente falar dos seus destinos;
E talvez dos destinos, que te esperaõ.

SCENA VII.

Tito, e Messala

TITO.

Fado, que nos uniste, e nos separas;
Fado cruel, que ordenas? Tullia, e Tito
Viraõ a luz do dia para serem
Mutuamente inimigos? Ah! se podes
Encobre o teu furor, esconde o pranto.

MESSALA.

Doe-se o meu coraçaõ de ver frustradas
Tantas virtudes, tanto amor, e encantos:
Huma alma taõ illustre, como a quella,
Devia so ser tua.

TITO.

Essa esperança
Ja de todo, Messala está perdida;
Tito naõ ha de ser de Tullia esposo.

MESSALA.

E porque naõ, Senhor? Os teus dezejos
Que escrupulosa idea contraria?

TITO.

Que abominaveis leis me impoem afera!
Tyrannos, que eu venci, eu mesmo agora
Vos havia servir, e defender-vos?
Povos, que libertei de grilhões duros,
Tito havia ao Tyranno abandonar-vos?
E ser-vos infiel? O amor violento,
Que eu pude subjugar por tanto tempo,
Teria neste dia hum tal imperio,

Que fizesse abater-me a tanto opprobrio ?
Hum velho Pay, eu mesmo entregaria
Ao barbaro furor dos seus tyrannos ?
E que Pay ! hum Heroe, o digno exemplo
De todos os mortaes ; o firme apoio,
Em que a patria descança ; que ensinado
Me tem a deffendella ; e a quem podera
Talvez inda igualar eu mesmo hum dia !
Ah ! De tantas virtudes, que horroroso
O destino seria ;

MESSALA.

Tu mostraste
Ategora as virtudes, que saõ proprias
D'hum Cidadaõ Romano ; e se quizéres,
Podes ter as virtudes d'hum Monarcha.
Sim, Tito, Rey seràs apenas queiras ;
O Ceo neste momento afortunado
Tem posto em tuas maõs vingança, imperio,
Eo digno objecto desse amor, em que ardes;
Mas que digo, Senhor ? O mesmo Consul,
A quelle mesmo heroe, que hoje de Roma
Fundador, Pay, e amparo se appellida ;
Que vaidoso recebe ante os teus olhos
Adulador incenso, por ter sido
Quem pello teu valor auxiliado

Lançou por terra hum Throno, se naõ fôra
Por benigna fortuna protegido,
Se pellas tuas armas naõ vencera,
Bruto, em vez d'hum heroe, fora hum rebelde,
Tu tens de vencedor o grande nome;
Mais glorioso o torna, e lhe acrescenta
De pacificador o nome illustre:
Traze-nos outra vez os claros dias,
Em que nossos avòs nesta Cidade
Vivendo afortunados, mas vassallos,
Com liberdade, e throno, equilibravaõ
A grandeza dos Reys, e o bem do Povo:
Roma naõ lhe jurou rancor eterno,
Se Tito for seu Rey. A autoridade
Do Governo Real, que eu tenho visto
Ora atrahir o amor do povo incerto,
Ora a cega aversaõ, que aborrecida
Nos Estados Monarchicos he tanto,
Quanto nas outras partes dezejada,
He de todas as formas de governo
Ou a mais proveitosa, ou mais funesta;
He horrivel no jugo d'hum tyranno;
Mas he divina s'hum bom Rey governa.

TITO.

Tu sabes com quem falas? Naõ adverte

Que Tito neste instante so contempla
Em Messala hum traidor? E que deixando
De acusar-te ao Senado, principio
Eu mesmo a ser traidor?

MESSALA.

Pois bem, adverte
Que outrem vai n'hum momento aproveitar-se
Da inestimavel honra, que regeitas.
Outrem fará o que fazer podias.

TITO.

Outrem! suspende: oh Ceos! Quem he, Messala?

MESSALA.

Teu Irmaõ.

TITO.

Meu Irmaõ

MESSALA.

Já fez promessa
De proteger fiel o Rey Tarquinio.

TITO.

Meu Irmaõ he traidor à Patria sua?

MESSALA.

Teu Irmaõ serve a Roma, e ao seu Monarcha:
E sabe que a despeito de ti proprio
Escolherá Tarquinio para genro
So a quelle Romano, que animoso
O souber segurar sobre o seu Throno.

TITO.

Oh! Ceos!.... Escuta: allucinado
Eu naõ vi muito tempo o grande abismo,
A quẽ tu me arrastavas pertendendo
Reduzir-me á disgraça necessaria
De acusar meu Irmaõ, ou ser eu mesmo
Complice em seu delicto; mas primeiro
Todo o teu sangue.....

MESSALA.

Sim, podes punir me
Fere sem susto; fere, que eu mereço,
Por te querer servir, este suplicio;
Depois com o mesmo ferro ensanguentado,
Verte o sangue do Irmaõ, verte o da amada:

As cabeças dos corpos lhes separa;
Com ella dos cabellos pendurada
Te vai apresentar ante o Senado;
E por premio de acçoens taõ virtuosas
Do Consulado as honras lhe suplico:
Quando naõ daqui mesmo neste instante
Vou acusando os Reos, dar em mim mesmo
Principio aos horrorosos sacrificios.

TITO.

(*quer partir*)
Suspende-te infeliz; ou se te ausentas,
Teme o furor d'huma alma desesperada.

SCENA VIII.

Tito Messala Albino

Albino
Podes, Senhor, agora, se o dezejas,
Com Aronte falar; neste momento
O deixei co a Princeza.

TITO.

Sim; ja parto,
A Tullia vou buscar
(vai-se Albino)

Deozes de Roma,
Deozes da minha Patria, venha hum golpe,
Parta-me o coraçaõ todo espantado
Do vergonhoso opprobrio, em que me vejo:
Infeliz coraçaõ, que se naõ fôra
Huma paixaõ de amor, fôra innocente.
E o desditoso Tito a vòs Senado
Tanto amor sacrifica! A vòs ingratos!
Mas por que tardo..... vamos: tu, Messala.
Bem vês do Capitolio pendurados
Da minha lealdade os monumentos.

MESSALA.

Mas tambem naõ te esqueça, que está cheio
D'hum Senado odioso.

TITO.

Sim, Messala,
Eu sei o que me dizes. Mas que escuto?
Trovejaõ sobre nòs os Ceos irados;
Eu ouço a sua voz, que temerosa
Me está gritando: Espera, ingrato, espera;
" Tu vas atraiçoar a Patria tua,,
Ah Roma! Ah Bruto! Naõ, naõ te atraiçoo:
Deozes, que me amparais, inda sou Tito:

Ategora tem sempre acompanhado
Gloria illustre os meus dias; do meu sangue
Inda naõ deslustrei a nobre origem;
Vossa victima he pura, e se he preciso
Que Tito a seu pezar seja arrastado
A perpetrar hum crime neste dia;
Se he preciso que misero succumba
Ao destino fatal, que tanto o opprime,
Salvai, Deozes piedosos, salvai Roma;
Antes que eu seja Reo, tirai-me a vida.

ACTO IV.

SCENA I.

Tito Aronte, e Messalla.

TITO.

Sim resoluto estou; de mim te aparta,
Basta de porfiar: desesperado,
De mim proprio corrido, já naõ quero
Escutar por mais tempo o que me dizes,
Seja embora infeliz, mas naõ culpado:
Contra as tuas razões valor me sobra,
Mas o pranto de Tullia me acobarda;
Nunca mais a verei, minha constancia,
Alheia do que foi, menos receia

O barbaro furor dos teus tyramos,
Do que hum so movimesto dos seus olhos:
Nunca mais a verei, sim part a. Oh Deozes!

ARONTE.

O prazo, que a Senado a muito custo
Permittido me tinha, e que tu mesmo
Me pediras, Senhor, he ja passado;
E so por teu respeito dentro em Roma
Demorado me tenho.

TITO.

Que eu pedira?

ARONTE.

Ah! que sorte, Senhor, mais venturosa
Presumia que fosse a de vós ambos;
Que segura esperança era a que eu tinha
De pôr a tanto amor feliz remate?
Porem pensar em tal ja naõ devemos.

TITO.

Quanto, Aronte, es cruel! Tu ja tens visto
O meu abatimento, a minha infamia;

Viste o misero Tito hum so momento
Entre a virtude, e o crime vacillante:
Testemunha sagaz dos desvarios
Do meu cobarde amor, vai sem demora
Contar aos teus dous Reys minha fraqueza:
Diràs aos dous tyrannos atterrados,
Pellos valentes golpes do meu braço,
Que na tua presença amargo pranto
Chegou a derramar de Bruto o filho:
Mas dize-lhe taõbem (naõ, naõ te esqueça)
Que a pezar do meu pranto, e teus esforços,
Que inda a pezar de Tullia, e seus encantos,
Triumphando de mim, livre, e Romano
Me naõ sugeito ao sangue de Tarquinio;
Que nada em fim me vence, e que inda juro
Eterna guerra ao mesmo sangue, que amo.

ARONTE.

Desculpo a grande dor, em que te abismas;
E de ti me separo, respeitando
Os tristes prejuizos, que te cercaõ;
Bem longe de insultar-te na disgraça,
Contigo me lastimo, e quanto posso
Finalmente dizer-te, he que de magoa
Ha-de Tullia morrer. A Deos.

MESSALA.

Oh Deozes!

SCENA II.

Tito, e Messala

TITO.

Naõ; suportar naõ posso, que se ausente;
Hei-de a risco da vida suspendella

MESSALA.

Ah! que fazes, Senhor?

TITO.

O meu intento
Naõ he de ser traidor á Patria minha;
Roma vencerá sempre; mas naõ posso,
Separar dos de Tullia os meus destinos;
Respiro, vivo, e morrerei por ella
Compadece-te, amigo, dos meus males;
Corramos sem demora, dobra o zelo;
Os amigos revolta; une os soldados;
A pezar do Senado; antes que parta
Demorarei seus passos: fique em Roma,
Como em refens, detida; assim o quero,

MESSALA.

Que intenta o teu amor? Que empenho he esse?
Repara que este passo perigoso
Irá sem fructo algum fazer patente
O desgraçado amor, em que te abrazas.

TITO.

Pois bem, he necessario que ao senado
Meus rogos se encaminhem; vai, Messala;
Vê se podes tornar mais branda, e docil
Destes Reys dos Romanos a aspereza:
Dir-lhe-has, que o bem do Estado o bem de Roma....
Mas, ah! que vaõs cuidados me transportaõ!

MESSALA.

Na grande, e justa dor, que te consterna,
Para poder servir-te, he necesario....

TITO.

He necessario, sim, vêlla, e falar-lhe:
Ella por aqui hade encaminhar-se,
Ao menos lhe direi hum a Deos eterno.

MESSALA.

Sim, Tito, he necessario que lhe fales.

TITO.

Messala, estou perdido: Tullia chega.

SCENA, III.

Tito Messala Tullia Algina

ALGINA

So se espera por ti, para a partida.

TULLIA.

Ah tyrano decreto! Inda este ingrato
O coraçaõ me toca, e seu Pay Bruto
Aos meus olhos parece hum Deos terrivel,
Armado de furor contra nós ambos.
Eu amo, temo, choro, e perturbado
Tenho o meu coraçaõ, todo em desordem:
Vamos, Algina, vamos.

TITO.

Naõ, detem-te

TULLIA.

Barbaro, que me queres? vens de novo
Illudir-me, ultrajar-me?

TITO.

Ah! neste dia,
Dia de tanto horror, tanta disgraça,
Sei o que devo, e o que quero ignoro:
Ja naõ tenho razaõ, tu ma roubaste:
Guia pois os meus passos vacillantes;
Dirige o meu furor, como hum tyranno;
Manda sobre a minha alma consternada;
E dicta, se te atreves, os meus crimes:
Porem, antes que entregue ao fogo, à morte
Estes muros, e Povo, que ategora
O valor do meu braço defendera;
Antes que hum velho Pay abandonado
Por hum Filho furioso às cegas iras
Da espada de Tarquinio. . . . ,

TULLIA.

Os Ceos me livrem
De taõ grande desastre: a natureza
Ao terno coraçaõ te está falando;
A sua voz me he chara, bem o sabes,
Porque com teu exemplo me ensinaste
A tremer por hum Pay: socega, Tito;
Pois meu Pay desde agora será Bruto;
O meu sangue, que he teu, em todo o tempo
Te será por seu sangue responsavel;

Nosso amor, minhas nupcias, os meus dias,
Te servem de pinhor; ati me entrego;
Como filha, e refens do mesmo Bruto;
Podes inda hesitar? A caso pensas,
Que com pezar secreto da sua alma.
Bruto verà seu filho alçado ao Throno?
Elle naõ cinge a frente com diadema;
Mas com diverso nome disfarçado,
Nao he Bruto hum Monarcha poderoso?
Dura hum anno somente o seu governo,
Este termo depressa..... Mas que digo!
Ah! que fracas razoẽs, se naõ me adoras!
Mais te naõ digo em fim que huma palavra;
Tullia se ausenta..... e te ama... Que, Tu
choras!
Tu estremeces, Tito? Inda tens tempo;
Acaba, fala, ingrato; se isto he pouco,
De que mais necessitas?

TITO.

Do teu odio;
So me falta por fim esta disgraça

TULLIA.

Ja basta de soffrer queixas indignas,
Promessas vaãs, injurias, e lamentos,

Deixa-me ingrato; mais de amor naõ falles,
Porque do teu amor ja me envergonho;
Contigo leva os falsos juramentos
Mais crueis para mim, que os teus desprezos:
Porem naõ penses, naõ, que por vingança,
Buscarei na Liguria estas grandezas,
Funestas, que hoje aqui te sacrifico;
Nem que longe de ti va pezarosa
Lamentar entre os braços d' hum Monarcha
O disgraçado amor, que me deveste:
Regulado ja tenho o meu destino:
Tu Romano intratavel, qne so sabes
Virtudes affectar contra quem te ama,
Forte em vexar-me, timido em servir-me;
Perplexo, e sempre incerto em teus dezejos
Vem aprendrer comigo o que he constancia:
Verás que huma mulher, que desprezivel
Se figura aos teus olhos, sabe ao menos
Ser nos projectos invariavel;
Epella fortaleza, de que vires
Meu coraçaõ armado, verás, Tito,
O modo, com que amado te haveria:
Ao pé destas muralhas levantadas,
Dos meus antepassados Throno antigo,
Ao pé destas muralhas, que animoso
Contra os seus justos Principes defendes,
Onde traidor me foste, e me ultrajaste,

Como tens ultrajado os teus Monarchas;
Onde me vi por credula enganada,
Onde em fim meu amor tanto illudiste,
Juro a todos os Deozes, que severos
Os perjurios castigaõ, que o meu braço
Mais justo que o teu mais animoso,
Affogando em meu sangue a' minha affronta,
Me ha-de punir, ingrato, da desgraça
De naõ ter bem sabido conhecer-te:
Ja parto.....

TITO.

(demorando-a)

Naõ, Senhora. He necessario
Emfim satisfazer-te, eu mesmo o quero.
Que me horrorizo, he certo; mas ja prompto
Para agradar-te corro; e a tanto chega,
Nesta grande paixaõ, que me transporta,
A minha desventura, que nem tenho
Pretexto de illusaõ, que me disculpe,
Nesta extrema desordem tè me falta
Opraser triste de enganar-me eu mesmo:
Sei que a tanta maldade amor me arrasta;
Podeste-me vencer, mas naõ cegar-me:
Contra o meu proprio amor enfurecido,
Amo a virtude, mas abraço o crime,

Ah Tullia! Por piedade me aborrece,
Foge d'hum desgraçado, que se sente
Morrer por ti de amor, e que detesta
O criminoso amor, em que se abraza:
Foge d'hum infeliz, que, sem respeito,
A horrorosos, e lugubres agouros,
Se vai unir contigo, rodeado
De perjurios, de crimes e de mortes.

TULLIA.

Ao meu funesto amor insultas tanto,
Certo do quanto imperas na minha alma;
Sim, por ti so respiro, eu to confeço;
Mas apezar do amor, que me consagras,
E da minha fraqueza, saber deves
Que menos me horroriza a feia morte,
Do que a maõ d'hum espozo, que assustado
Tremesse de ser meu; que pezaroso,
Se podesse mostrar de haver servido
Ao seu proprio Monarcha; e que aceitando
Da minha maõ hum sceptro, envergonhado
Se acreditasse infame em recebello.
O momento horroroso da partida
Se vai avizinhando; naõ te esqueças
De que podes reinar, e de que te amo:
O Embaixador me espera a todo instante;

Pensa pois, e resolve: demorar-me
Naõ posso por mais tempo; mas depressa
Me verás de Tarquinio acompanhada
Assaltar estes muros odiosos,
Para nelles entrar como Rainha,
Ou morrer a teus olhos.

TITO.

Naõ, Princeza;
Tu naõ has de morrer; eu vou contigo....

TULLIA.

Suspende-te, Senhor: se mais me segues,
Poës tua vida em risco; porque podem
De ti desconfiar: fica, e resolve,
Ou ser meu homicida, ou meu espozo.

SCENA IV.

Tito só

Tu triumphas, cruel: escrava he Roma;
Vem sobre ella exercer o mesmo imperio,
Que exerces sobre mim; naõ te dilates;
Que eu tambem ja me apresso, e destimido,
Ou vou morrer, ou vou alçar-te ao Throno;
Pois meu crime maior fôra o deixar-te

Procurar entretanto vou Messala;
Sua grande amizade ja se cança
Da fogosa imprudencia do meu genio,
Amante, amigos, Roma, quanto tenho
Tudo n'hum dia perco.

SCENA V.

Tito, e Messala.

TITO.

Ah charo amigo!
Vem ajudar emfim os meus furores,
E o meu amor fatal; segue-me, vamos.

MESSALA.

Já tudo está disposto; mandar podes:
No monte Quirinal os meus soldados,
Para entregar as Portas, estaõ promptos;
Nossos bravos amigos ja comigo
Successor de Tarquinio vaõ jurar-te.
Naõ perçamos o tempo; vamos Tito;
A noute mais sombria, e taciturna
Nosso grande projecto em treva esconde.

TITO.

Ja se apressa veloz a fatal hora.

Tullia conta os instantes Que duvido!
Antes que a Roma, fé jurei primeiro,
Ser vassalo fiel do Rey Tarquinio:
A sorte está lançada: mas que vejo!
Será illusaõ minha! He meu Pay mesmo.

SCENA VI.

Bruto Tito Messala, e Lictores.

BRUTO.

Acode, filho meu, acode a Roma,
Que está em grande risco, e do teu braço
He que o socorro espero. Hum grande assalto
Na segunda vigilia se prepara
Contra os muros de Roma: esta noticia
Por hum secreto aviso a Curia sabe.
Para o meu caro heroe, para o meu sangue
Pedi com grande instancia a honra illustre
Do comando das armas neste apêrto;
Concede-ta o Senado; arma-te, filho,
Vai salvar outra vez a Patria tua;
Vai pella liberdade expôr a vida,
Que triumphante, ou morto, serás sempre
Das invejas de Bruto o digno objecto.

TITO.

Oh Ceos!

BRUTO.

Entaõ, meu filho, que respondes?

TITO.

Eu te rogo Senhor, que deposites
Noutras maõs essas graças do Senado,
E a sorte dos Romanos.

MESSALA.

(Que desordem
De sua alma turbadora se apodera!)

BRUTO.

Tu podes regeitar honra taõ grande!

TITO.

Quem? eu, Senhor?

BRUTO.

Ah! Que, meu filho? Acaso
Tue coraçaõ turbado inda se doe

Das antigas repulsas do Senado?
Vejo dos teus intentos a injustiça;
Olha o que fazes, Tito, agora he tempo.
De escutares a voz dos teus caprichos?
Ditoso te naõ crês, salvando a Roma?
Esta gloria immortal naõ he bastante
Para encher os dezejos da tua alma?
Meu filho he taõ ousado, que pertenda
Lhe confiraõ as honras Consulares,
Sem ter aquella idade, que as leis mandaõ?
Deixa, deixa de instar por huma graça,
Que só com injustiça obter poderas:
Este grande lugar, a que te envio,
He o teu posto de honra: enfrea as iras,
E so contra os tyranos as reserva:
Sou teu Pay, mas taõbem sou Pay do Estado,
Em socorro da Patria o sangue verte;
E nada mais lhe peças, que isto basta:
Sê, Tito, sempre heroe, sê mais que heroe
Sê Cidadaõ Romano. Eu ja meu filho,
Estou proximo ao termo dos meus dias,
Tuas maõs triumphantes brevemente
Meus olhos cerraraõ; porem meu nome
Sobre o teu grande nome sustentado
Triumpharà da morte; para Roma
Tornarei a nascer viven do em Tito;

Que digo! vamos filho, eu te acompanho.
Bem que os Deozes naõ tenhaõ concedido,
A' minha jà cançada enferma idade,
Mais do qne huma bravura, e esforço inutil,
Irei ver teu triumpho; ou se os detinos
O quizerem assim, irei sem susto
Morrer do mesmo modo que morreres,
De Roma vingador, e em liberdade

TITO.

Ah Messala!

SCENA VII.

Bruto Valerio Tito Messala:

VALERIO.

Senhor, he necessario
Que mandes se retirem.

BRUTO.

Corre, voâ,
(Vaõ-se Tito e Messala:)

VALERIO.

Contra Roma ha traiçaõ

BRUTO.

Traiçaõ! que escuto!

VALERIO.

Temos conspiraçaõ, temos, traidores,
Duvidallo naõ posso: Eu inda ignoro
Desta perfidia horrenda o autor qual seja,
Mas no proscripto nome de Tarquinio
Se fala agora em Roma; e alguns indignos
D'entre os mesmos Romanos affirmáraõ
Que franquear-lhe as portas he preciso.

BRUTO.

Os Cidadaõs Romanos pedem ferros!

VALERIO.

Por diversos caminhos os traidores
Se affastaraõ de mim: mandei seguillos:
As suspeitas, que tenho concebido,
Recaem sobre Lelio, e sobre Menas,
Partidistas dos Reys, e tyrania;
Do bem publico imigos encobertos,
Que sempre fomentáraõ cuidadosos
Discordias entre o Povo, e o Senado.

Messala os favorece; e neste apêrto
De taõ grande desordem, se naõ fôra
Huma estreita amizade, com que Tito
Honrado sempre o tem, eu me atrevera
A suspeitar traidor taõbem Messala.

BRUTO.

Vigiar os seus passos com cautela
He quanto neste caso obrar podemos:
As santas leis de Roma, e a liberdade,
De que somos os Pays, nos naõ consentem
Usar d'algum rigor talvez preciso.
Hum Romano prender so por suspeitas
Seria proceder como os tyrannos:
Nòs, que os aborrecemos, e os punimos
Vamos falar ao povo; dar alento
Aos que timidos forem; dos constantes
O Valor inflamar, encher de assombro
Os perfidos traidores; naõ tardemos:
Os Pays da Liberdade, os Pays de Roma
Marchem a suscitar com seu esforço
O valor dos Romanos: qual delles
Deixarà de cobrar animo grande,
Quando nos vir marchar à testa sua?
Dai-nos antes, ó Deozes, prompta morte,
Que indigna escravidaõ. Vavos, Valerio;
E se avise o Senado, que nos siga.

SCENA VIII.

Bruto Valerio, e Proculo

PROCULO.

Hum escravo, Senhor, pede licença
Para poder falar-te occultamente.

BRUTO.

Que! de noute! E a tal hora!

PROCULO.

O escravo affirma
Que traz huma noticia interessante,
E que demanda pressa.

BRUTO.

Deste aviso
Talvez dependa a salvaçaõ de Roma:
Se hum momento eu tardara, traidor fôra:
(a Proculo)
Vamos ouvillo pois busca a meu filho,
E dize-lhe, que nesta fatal hora
Ponha o maior cuidado na defensa
Da Porta Quirinal, para que a terra

Escutando espantada os seus triumphos,
Reconheça, e confesse, que o meu sangue
Para vencer os Reys foi destinado.

ACTO V.

SCENA I.

Bruto Senadores Lictores, e hum escravo

BRUTO.

Roma perdida estava: a liberdade,
A liberdade augusta aniquilada
Dos tyranos ao jugo se rendia;
As vossas sepulturas se cavavaõ,
Tudo estava perdido. Ja Tarquinio,
Vingança respirando, se dispunha
Para entrar esta noute dentro em Roma:
Foi desse Embaixador o ardil astuto,
Quem debaixo dos passos dos Romanos
Taõ horrivel abismo tinha aberto:
Em fim (podereis crêllo) Roma tinha
Filhos, que contra a Patria conspiravaõ;
E que os tyranos seus favoreciaõ:
Messala dirigia o furor cego
Dos infames rebeldes, e vendia
Ao fraudulento Aronte a Patria sua.

Mas a favor de Roma, e vossas vidas
Vigiavaõ beneficos os Deozes:
Este escravo escondido ouvio de Aronte
As perfidas tenções; prevendo o crime,
Tudo me revelou, e dispertando
Seu aviso fiel os meus temores,
Animando o meu zelo, mandei logo
Que a Messala prendessem; n'hum momento
Hia perante vós ser conduzido:
Eu esperava ao menos, que a presença
Do medonho aparato dos tormentos
Da sua fiel boca arrancaria
A confiçaõ dos socios do seu crime:
Ja por todos os lados os Lictores
O cercavaõ; mas eis que de improviso
Arrancando Messala afoutamente
Hum punhal, que no seio tinha occulto,
Para talvez com elle assassinar-vos;
" Os segredos, (lhe diz) que de Messala
" Procurais arrancar com tanto empenho,
" Sepultados estaõ dentro em o meu peito;
" He necessario pois que, nelle roto
" Os venhaes descobrir; d'outra maneira,
" Quem sabe destimido conspirar-se,
" Tambem sabe affrontar calado a morte.
Acaba de dizer; neste momento

Hum grita, a quelle corre, elle se mata;
E morreu o traidor, como hum Romano,
Sendo indigno de o ser. Ja neste tempo
Tinha partido Aronte para o campo;
Seguiraõ-no os soldados largo espaço;
E com Tullia o trouxeraõ prezo a Roma.
Da sacrilega trama em breves horas
Vai o Ceo revelar todo o segredo:
Valerio cuidadoso em toda a parte
Procura descobrir os seus authores:
Porem logo que forem conhecidos
Os nomes dos infames parricidas,
Acautelai-vos todos, e naõ haja
Piedosa compaixaõ para os traidores,
Inda que seja o amigo, Irmaõ, ou Filho;
Esquecei-vos de tudo; so vos lembre
O vosso juramento, o seu delicto:
A liberdade, e Roma, em altas vozes
Clamaõ por seu castigo; quem perdoa
Ao criminoso, he complice do crime.
(ao Escravo)
E tu, que por cegueira do destino,
Ou por hum desgraçado nascimento
Devendo ser Romano foste escravo;
Tu, por cuja razaõ vive o Senado;
Tu, que da escravidaõ salvaste a Roma,

Aceita, em recompença, a liberdade,
Que por teu dom conservo, e desde agora
De nobres sentimentos inflamado
Hombrea com meu filho; e dos tyranos
Sê temeroso assombro. Mas que escuto!
Que subito ruido!

SCENA, II.

Proculo Aronte Lictores, e os antecedentes.

PROCULO.

Aronte preso
Aqui trago, Senhor.

BRUTO.

Com que semblante
Poderá este perfido! . . . .

ARONTE.

Athe quando
Quererei, oh Romanos, desatentos
Profanar os direitos dos humanos?
Conselheiros sinistros, e arriscados
D'hum Povo rebellado: o vosso intento

He de abater os Reys nos seus Ministros?
Estes vossos Lictores insolentes
A cabaõ de prender-me: ah! respondei-me,
Este insulto, esta affronta he dirigida
Contra o meu Rey, ou so contra mim proprio?
De Embaixador a sacra Dignidade
Que inviolavel foi sempre entre os mais Povos,

BRUTO.

Quanto mais he sagrado o teu caracter,
Tanto mais he teu crime indesculpavel;
Deixa pois, deixa. Aronte, de lembrar-me
Neste lugar huns titulos inuteis,

ARONTE.

O Embaixador d' hum Rey.....

BRUTO.

Tegora o foste,
Ja perfido o naõ es: em ti so vejo
Hum conjurado infame, disfarçado,
Com hum titulo honroso, a quem so serve
Do caracter illustre a imunidade,
Para o fazer aos crimes mais afouto.

O bom Embaixador (attende, Aronte)
He das leis hum interprete prudente,
Que sem as profanar. . . . ao seu Rey serve;
He da fe dos humanos hum discreto
Fiel depositario; e a paz somente
He do seu Ministerio o sancto fructo;
He o sagrado vinculo, que enlaça
Os Principes do mundo, e bem fazejo
Em toda a parte, em toda a parte o adoraõ
Reflecte hem, Aronte, e vê se podes
Achar nesta pintura o teu retrato:
Mas se ao menos pertendes ir dar conta
Ao teu amo das leis, que nos governaõ,
Das virtudes, e forças deste Imperio,
Aconhecer primeiro o genio aprende,
Que vivifica Roma, e o seu Senado.
Este Povo Romano, Augusto, e Santo,
Sabe inda respeitar as leis das Gentes,
Que o teu vil proceder desacredita:
Quanto mais insolente as atropellas,
Zelosos tanto mais as protegemos.
Por unico suplicio do teu crime
Roma so quer que vejas com teus olhos,
Com teus perfidos olhos expirarem
Os falsos Cidadaõs, que se ligaraõ
Comtigo nesta trama, parricida;

Todo tinto no sangue criminoso,
Derramado a teus olhos, corre, voa
A dar parte ao teu Rey d' hum crime inutil;
E na tua pessoa a Italia mostra
De Roma a santidade, e a tua infamia.
Lictores, conduzi-o

SCENA III.

Bruto Valerio Proculo, e Senado:

BRUTO.

Entaõ, Valerio,
Ja presos estaõ todos? Ou seus nómes
Sabido tens, ao menos? Mas que observo?
Que sombrio pezar te cobre o rosto,
Que parece agourar maior disgraça?
Ah! tu tremes.

VALERIO.

Recorda-te, que es Bruto

BRUTO.

Explica-te Valerio,

VALERIO.

Ah Bruto! Eu treme

De dizer-te o resto Eis a-qui ; toma,
(da-lhe hum papel)
Lê, Senhor ; e conhece os delinquentes.

BRUTO.

Oh, Ceos ! Que tenho lido ! dos meus olhos
Será talvez engano? Oh vida odiosa !
Oh Pay desventurado ! Tiberino !
Meu Filho ! .... Senadores, perdoai-me.....
O perfido está preso?

VALERIO.

Combatendo
Salvar-se pertendeo com dois rebeldes ;
Quizeraõ morrer antes, que render-se :
Traspassado de golpes penetrantes
Com elles expirou ; mas inda resta
Por dizer hum desastre mais horrendo
Para ti, para Roma, e mais sensivel
Para mim proprio.

BRUTO.

Que ouço!

VALERIO.

A qui tens, Bruto,

Esta horrorosa lista, foi achada
Entre os outros despojos de Messala.

BRUTO.

Vejamos. Ah! Que eu tremo, e me horroriso
Oh Ceos! Pois taõbem Tito!
(Cahe nos braços)
(de Proculo)

VALERIO.

Daqui perto
as m armas o encontrei parado,
Cheio de horror, e susto andava errante,
Detestando talvez o crime horrendo.

BRUTO.

Voltai, Padres Conscriptos, ao Senado:
Ao desditoso Bruto, ja naõ toca
Sentar-se a par de vós; dentre os humanos
Minha malvada extirpe se extermine:
Puni, puni o Pay, estancar vinde
Dentro em meu proprio peito. sem piedade,
A origem do seu sangue; naõ vos quero
Ao Senado seguir, por-que receio
Que a vingança de Roma se demore,
Ou se aplaque talvez, se eu for presente.

SCENA IV.

Bruto so

Aos decretos do Ceo minha vontade
Toda está resignada. Grandes Deozes,
Que vingais nossas leis, e a Patria minha;
Vòs, que minha maõ principiaveis
A fundar sobre as bases da justiça
Da nossa liberdade a imortal obra,
Intentareis agora enfurecidos
Destruir taõ sagrados fundamentos,
Armando o traidor braço de meus filhos
Contra a vossa obra mesmo? Que arrastado
Por huma furia cega, e vergonhosa,
Tiberino se armasse contra a Patria;
Que perfido lhe fosse combatendo
A favor dos tyranos; este golpe
He hum golpe cruel, hum golpe horrivel;
Por que em fim o traidor sempre he meu filho.
Porem Tito! Hum heroe! O amor da Patria!
Que hoje mesmo feliz tem visto honradas
Com pompa triumphal suas victorias!
Tito! a quem no Romano Capitolio
Eu mesmo a fronte ornei do Sacro louro!
Tito! doce esperança dos meus annos!
A esperança de Roma! Tito! Oh Deozes!

SCENA V.

Bruto Valerio dous Senadoras, e Lictores:

VALERIO.

A vontade suprema do Senado
He, que tu sentencees a teu Filho.

BRUTO.

Eu?

VALERIO.

Tu so!

BRUTO.

Que dispoz dos mais rebeldes?

VALERIO.

Condemnados, Senhor, ja foraõ todos;
E talvez no momento, em que te falo
Nenhum exista ja.

BRUTO.

Faz-me o Senado
Arbitro do destino de meu Filho?

VALERIO.

Hé honra singular, que elle acredita
Ser devida ás virtudes, que te adornaõ.

BRUTO.

Oh Patria!

VALERIO.

Então Senhor, que hei de dizer-lhe

BRUTO.

Dir-lhe-has, que o triste Bruto reconhece
Deste insigne favor o grande preço:
Que o naõ solicitava. . . . mas que digno
Hei-de mostrar-me delle a todo o custo.
Mas dize-me, Valerio, antes que partas,
Tito sem resistir deixou prender-se?
Meu filho poderia facilmente. . . . .
Ah! Perdoa estas duvidas, Valerio,
Era Tito de Roma o firme apoio;
E naõ posso encobrir que inda me he caro.

VALERIO.

Tullia, Senhor. . . . .

BRUTO.

Que fez?

VALERIO.

Tem confirmado
Esta suspeita odiosa agora mesmo.

BRUTO,

Por que modo?

VALERIO.

Mal entra em nossos muros,
E mal vê dos castigos o aparato,
Sua maõ resoluta, consumando,
O triste sacrificio, empunha hum ferro,
No peito o crava, cahe por terra, e expira,
Sacrificando assim às leis de Roma,
Dos seus indignos Reys o infeliz resto:
Se Tito for traidor, foi della a culpa:
Eu conheco que es Pay, de ti me dôo;
Porem Tullia voltando a Roma os olhos,
Com as sombras da morte ja cobertos,
O derradeiro nome, que lhe escapa
Da amorteeida boca, foi de Tito.

BRUTO.

Justos Deozes;

VALERIO.

Senhor, a ti pertence
Sentencear seu crime: pune, absolve,
Condemna, faze em fim quanto te antoge;
Tudo quanto obrar Bruto, approva Roma.

BRUTO.

Lictores, sem demora seja logo
Tito à minha presença conduzido.

VALERIO.

Penetrado dos grandes sentimentos,
Que me inspira, Senhor, tua virtude,
Com assombro, e com magoa me retiro:
Vou dar parte ao Senado da grandeza,
Da tua justa dor, e da tua alma.

SCENA, VI.

BRUTO, e PROCUL.

BRUTO.

Quanto mais nisto penso, tanto menos

Posso crer, que meu Filho tenha sido,
Quem tramasse a ruina dos Romanos:
Amava muito o Pay, e a patria sua;
E naõ era possivel se esquecesse,
Na a pressada carreira d'hum so dia,
De taõ fortes paixões: naõ, tal naõ creio;
Meu filho naõ he reo.

PROCULO.

Talvez, Messala,
Que foi quem maquinou a trama horrenda,
A sombra do seu nome respeitavel
Salvar-se pertendesse, ou talvez haja
Algum, que sua gloria aborrecendo,
Offuscalla invejoso assim pertenda.

BRUTO.

Prouvera aos justos Ceos, que isso assim fora.

PROCULO.

Tito dos Filhos teus unico resta;
Seja culpado, ou naõ desta perfidia,
O Senado indulgente o seu destino
Nas tuas maõs entrega: a vida sua,
Como de ti depende, está segura;

Conservarás a Roma este homem grande,
Porque, Senhor, em fim, es Pay,

BRUTO.

Sou Consul.

SCENA, VII.

Bruto Proculo Tito, e Lictores.

PROCULO.

Eilo, Senhor.

TITO.

He Bruto: Oh fatal dia!
Horroroso momento. Abre-te, oh terra!
Debaixo dos meus passos vacillantes,
Permitte-me, Senhor, permitte a hum Filho...

BRUTO.

Temerario, suspende, naõ prosigas,
De dous filhos, que o Ceo me concedera.
E que eu sempre ategora tinha amado,
Sei, que hum perdido está: porem que digo,
Ah desgraçado Tito! Fala, dize,
Inda me resta hum Filho?

TITO

Nenhum delles;
Nenhum delles te resta, ambos perdeste.

BRUTO.

Responde ao teu Juiz: Dize-me agora,
Oprobrio dos meus dias, intentavas
Opprimir aleivoso a Patria tua?
Abandonar teu Pay á tyrania?
Violar infiel teus juramentos?

TITO.

Nada intentei, Senhor, de quanto dizes;
Hum veneno mortal que de mim todo,
Se tinha apoderado, de que sinto,
Inda hum secreto horror, que me devora,
Chegou-me a tal estado, que a mim proprio,
Eu me naõ conhecia, e mesmo agora,
Em mim procuro a Tito, e naõ o encontro;
Meu triste coraçaõ inda assombrado,
Dos errados funestos desvarios,
Que taõ longe de si o arrebataraõ,
Foi culpado hum momento; este momento
O meu nome cobrio de oprobrio eterno,
Elle me fez traidor á Patria, que amo,

O momento voou, e meus remorsos,
Igualando o meu crime tem vingado,
Da minha Patria a injuria. Pronuncia,
Senhor, minha sentença, Roma toda
Em ti tem posto os olhos; necessita,
Lhe dês com a minha morte hum grande exemplo:
Com meu justo castigo he necessario,
Amedronteis, Senhor, os mais Romanos.
Se houver alguns, que meu exemplo sigaõ,
A Roma ha de ser util minha morte;
Bem como lho seria a minha vida,
E meu sangue, que sempre tem corrido
Em beneficio seu, cuja pureza
Huma so vez manchei, so derramado
Terá sido em favor da liberdade.

BRUTO.

Ah! com tanta perfidia valor tanto!
Complexo horrendo de virtude, e crime!
A sombra destes louros, e estandartes,
Que o teu valor ganhou, e que o teu sangue
Aos meus olhos tornava mais formosos,
Que Genio malfazejo, ou negra Furia
Te inspirou inconstancia taõ horrivel?

TITO.

A furia das paixões, que acometer-me
Vierão de tropel; a grande sede,
Que tinha de vingar- me, ambiçaõ, odio,
Hum momento de colera impaciente, ...

BRUTO.

Acaba, desgraçado.

TITO.

Hum maior erro,
Hum amor, que a gora me domina,
Foi da minha maldade a origem toda,
E quem a faz talvez detestavel.
Bem sei, Senhor, bem sei que tu te offendes
Da minha confissaõ, que vergonhosa
He indigna de nós, e a Roma inutil.
Minha disgraça, e furia saõ extremas
Acaba, poem ja termo aos meus delictos,
A desesperaçaõ, que me atormenta;
Termina d' h'uma vez a minha vida,
O meu oprobrio, o teu. Mas se ategora
Trilhei sempre na guerra sanguinosa
As veredas, que tu me assignalaste;
Se imitei fielmente os teus exemplos

Se a minha Patria amei, se do meu erro
Hum violento remorso me atormenta
(Prostra-se aos pés de Bruto.)
Ah! digna-te, Senhor, de abrir-me os braços;
De apertar ao teu peito hum desgraçado:
Dize-me huma so vez, huma somente:
"Bruto, meu filho, naõ, naõ te aborrece".
Esta palavra so, minhas virtudes,
E minha gloria antiga restaurando
Da vergonhosa infamia, que me cobre,
Deffenderá, Senhor, minha memoria.
Dirá Roma nos seculos vindouros,
Que Tito no momento, que baixava
A lugubre morada dos Infernos,
Em premio conseguio do seu remorso,
Que Bruto os olhos seus nelle fitasse:
Dirá, que amor me tinhas inda mesmo
Neste instante fatal; e que a despeito
Do seu feio delicto, inda teu filho
Pôde levar comsigo à sepultura
De Bruto a honrosa estima.

BRUTO,

Tu m' arrancas
Com esse teu remorso. Oh Patria! Oh Roma!

Procul.... Oh Ceos! Levem meu Filho
à morte.
Levanta-te da terra, triste objecto,
D'horror, e de ternura; ergue-te, Filho;
Caro arrimo, em que a longa idade minha
A mais doce esperança tinha posto;
Vem abraçar teu Pay; teu Pay severo
Condemnar-te devia: porem sabe,
Que se eu Bruto naõ fôra, te absolvera:
Ao falar-te em meus olhos nada o pranto;
Mas tu leva, meu Filho, ao teu suplicio
Constancia mais viril; naõ te enterneças;
Sê inda mais Romano do que he Bruto;
De maneira que Roma ao mesmo tempo,
Que se vinga de ti, de ti se espante.

TITO.

De meu Pay ainda digno a morrer parto.
A Deos.

(Vai-se com os Lictores)

SCENA VIII.

Bruto, e Proculo:

PROCULO.

Todo o Senado enternecido,

É tremendo de horror por este golpe,
Que te deve aterrar. . . . .

BRUTO:

Proculo, basta;
Tu sabes quem he Bruto, e nos seus males,
Intentas consolallo! Ah! so te lembre,
Que para hum novo assalto contra a Patria,
Tudo está preparado; os meus cuidados
Saõ todos para Roma; ella somente
Me occupa o coraçaõ. Vamos, amigo,
Nestes tristes momentos, os Romanos,
Me serviraõ de filhos, occupando,
Na minha alma, o lugar, que tinha antes
O filho, que por elles hei perdido.
Minha vida infeliz, acabe ao menos,
Como Tito acabar devêra a sua,
Defendendo, e vingando a Patria minha,

SCENA IX.

Bruto Proculo, e hum Senador.

SENADOR.

Senhor. . . .

BRUTO.

Morreu meu Filho?

SENADOR.

Neste instante
Acaba de expirar: meus tristes olhos. . . .

BRUTO.

Roma está livre. Basta. . . . Naõ tardemos,
Vamos as graças dar aos Sacros Deozes.

14153665